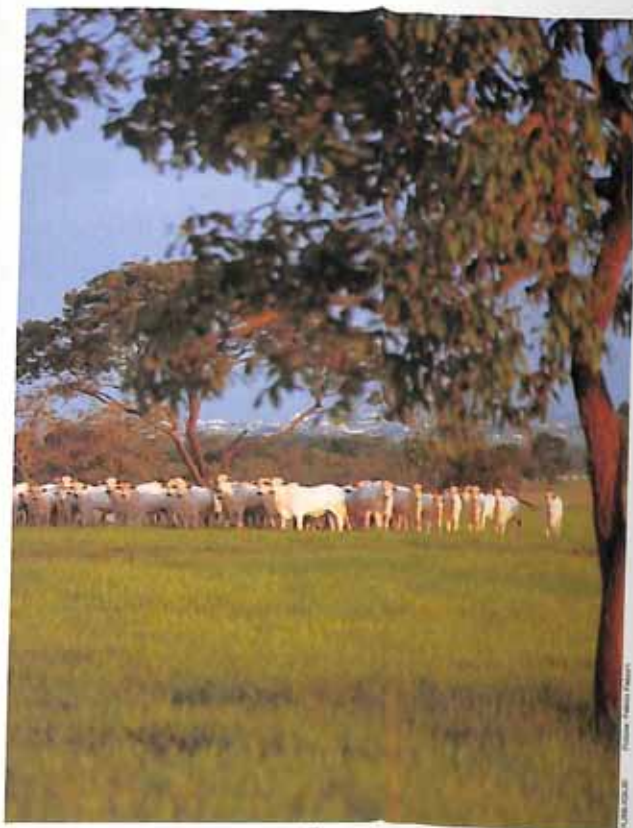


REVISTA DOS CRIADORES

40 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA NACIONAL
69% DE 1992 - ANO LXI - Nº 747 - CR\$7.000,00
ÓRGÃO OFICIAL DA ABC



AGORA TAMBÉM EM UBERABA



Escritório Central
Belo Horizonte - MG
Rua da Bahia, 478 s/ loja A e B - CEP 30160
Tel.: (031) 212.1949 e 212.1521
Fax.: (031) 212.1181

Filial
Uberaba - MG
Av. Leopoldo Oliveira, 873 - CEP 36010
Tel. e Fax.: (034) 333.4161
São Gonçalo do Abaeté - MG
Rod. BR-040 Km 265 - Canoeiras
Tel.: (038) 754.1444
Três Marias - MG
Av. Santos Dumont, 292 - CEP 39205
Tel.: (038) 754.2020 e 754.2090
Fax.: (038) 754.1696



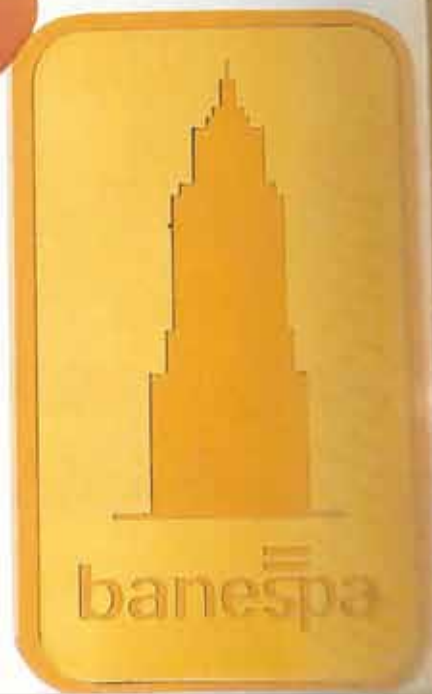
BEST-SELLER DO NELORE



TOCA AQUI, MIDAS.

OURO PURO BANESPA.
JÁ VEM COM 5 MIL
ANOS DE GARANTIA.

Agora você pode transformar os seus investimentos em ouro, exatamente como Midas fazia há mais de 2.500 anos. Anote o toque: Ouro Puro Banespa, em barras de cinco, dez, vinte, cinquenta e cem gramas. Ou de uma onça troy. Você vai por a mão no melhor investimento a longo prazo. Confirmado hoje pelas páginas de economia e há muito tempo pelas páginas da história. E com liquidez absoluta garantida pelo Banespa. Não deixe seu dinheiro parado, aplique em Ouro Puro Banespa. Você não precisa ser rei para saber que ouro é um investimento que nunca perde a majestade.



OURO PURO
banespa

MOMENTO AGROPECUÁRIO

OS ESPAÇOS NO MERCADO MUNDIAL DE CARNE BOVINA

O agribusiness da carne vermelha da América do sul terá de se adaptar para não ficar a beira das mudanças em curso no mercado internacional. Muito esforço terão de serem desenvolvidos para que a região aproveite as oportunidades que possui como exportadora de carne de qualidade.

A nível mundial, os negócios ligados a pecuária de corte estão bastante concentrados, tanto assim que:

- o mercado de exportação, que movimentou quase 5 milhões de toneladas de carne por ano, em mais de 70,0% está sob o controle da CEE, Oceania (Austrália e Nova Zelândia), América do Norte (EUA e Canadá) e América do Sul (Argentina, Brasil e Uruguai).

- metade da produção mundial vem da CEE e América do Norte (EUA, Canadá e México), que em relação ao mundo abrigam 23,0% do rebanho bovino e 19,0% da população.

A incidência da febre aftosa representa um ponto altamente negativo para a América do Sul, sob dois grandes aspectos. O primeiro, por fechar o mercado de importação da CEE, EUA e Japão. O segundo, por depreciar o produto vendido.

Somente o Brasil, segundo avaliação da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes, poderia duplicar a receita com exportação de "carne in natura", caso erradicasse a febre aftosa. Para verificar que o produto exportado fora do circuito aftoso possui uma valorização 70,0% superior. Em dezembro de 1991, por exemplo, enquanto na exportação de carne o México recebia US\$ 3.000 por toneladas, o Brasil auferia somente US\$ 2.000 por tonelada.

Na verdade, os desafios do agribusiness da pecuária nacional surgem nos dois seus vizinhos Uruguai e Argentina. Com efeito, além do problema comum entre eles de estarem impedidos de exportar carne "in natura" para o Japão e EUA, o Brasil terá ainda inicialmente de recuperar sua participação na cota-indústria da CEE e entrar na cota Hilton ambas da CEE. Nessa direção, cabe fazer uma investigação de como estão os mercados da CEE, Japão e EUA.

Comparando pela CEE, constata-se que os estoques voltaram a aumentar substancialmente nos últimos anos. Entre 1991 e 1990, os estoques quase que dobraram, ao passar de 512 mil toneladas para mais de um milhão de toneladas. As compras governamentais atualmente representam 80% da produção da Irlanda, 35% da França e 20% da Alemanha.

Evidentemente, a queda de excedentes na CEE representa um sério problema para os países que vendem neste mercado. Existem várias causas para comercialização da carne bovina na CEE, pois

eles estão muito fechados, tais como o da:

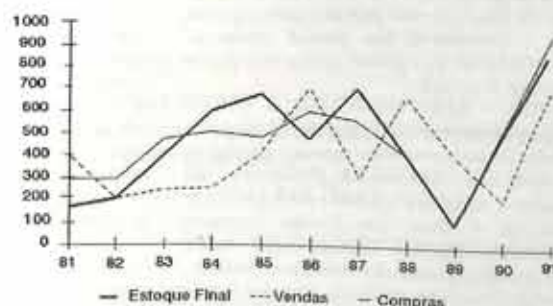
- Cota Hilton, definida na Rodada Tóquio, do GATT, em 1970, que hoje corresponde a 34 mil toneladas, com cada país cotista recebendo US\$ 9 mil a toneladas (tabela 01). O Brasil sempre esteve fora da Cota Hilton.
- Cota Indústria, que corresponde a cerca de 54 mil toneladas anuais, com preço que varia por tonelada de US\$ 2.800 a US\$ 4.000. O Brasil atualmente não faz parte da cota indústria, apesar de já ter tido uma participação expressiva de 40,0%.

TABELA 01 - COTA HILTON DA CEE

PAÍS	QUANTIDADE (TONELADAS)	PARTICIPAÇÃO (%)
ARGENTINA	17.000	50,0
EUA	51.000	15,0
CANADÁ	5.000	15,0
AUSTRÁLIA	3.000	9,0
URUGUAI	2.000	5,5
NOVA ZELANDIA	2.000	5,5
TOTAL	34.000	100,0

Elaboração: AEE/APL - Agroceres

CEE: COMPRAS, VENDAS, ESTOQUES DE CARNE BOVINA



Fonte: MAS, MIC

Já o Japão representa para os próximos anos o grande potencial para a expansão do comércio internacional de carne bovina. Todos os países exportadores estão olhando com muito carinho para este mercado. Afinal, os japoneses possuem um rebanho de apenas 4,6 milhões de cabeças e produzem menos de 200 mil toneladas. As importações têm crescido rapidamente: quase dez vezes nos últimos vinte anos, estando agora em 600 mil toneladas.

Para completar resta os EUA, com a peculiar condição de maior produtor e importador do mundo. Os norte-americanos reduziram o consumo "per capita" de carne bovina de 53 quilos para 47 quilos no período pós-setenta, com o rebanho diminuindo de 120 milhões para 100 milhões de cabeças. Nos últimos anos, as batalhas mercadológicas para aumentar o consumo de carne vermelha no

país, com grandes campanhas, estão conseguindo reverter a tendência de baixa.

A conclusão que se extrai deste rápido diagnóstico sobre o mercado internacional de carne bovina é de que o raio das ações comerciais são limitadas. Os consumidores dos países de alta renda preferem carne de animais jovens, marmorizada, cortes especiais obtidas mediante cruzamento de raças zebuínas com europeias. A questão não é a quantidade mas sim a qualidade. Daí a triste constatação de que a receita dos países exportadores do circuito afônico, da qual integram aquelas da América do Sul, ficarem abaixo das nações livres da febre aftosa, não obstante comercializarem volumes bem maiores.

DIAGNÓSTICO E PREVENÇÃO - ANO I - Nº 7

Regiões alagadiças: Cuidado com a Fasciolose

A fasciolose é encontrada no Brasil e em outros países do mundo particularmente nas zonas alagadiças e sujeitas a inundações.

A *Fasciola hepatica* é um verme achatado, em forma de folha. O "verme" adulto parasita os canais biliares (vesícula biliar), de bovinos, ovinos, caprinos e outros animais, inclusive o homem (infestação acidental).

Os adultos, vivendo nos canais biliares dos bovinos, põem ovos em grande quantidade (até 20.000 ovos por dia), que passam para o intestino de onde são eliminados nas fezes. Apenas os ovos que caem nos lugares úmidos ou que são arrastados pelas águas das chuvas para os locais mais baixos e úmidos das pastagens conseguem se desenvolver. Para tanto há necessidade da larva, após abandonar o ovo na água, encontrar um caramujo da água doce, penetrando nele. Após cerca de 5 a 9 semanas formas imaturas da *Fasciola* emergem dos caramujos na água e incrustam-se nas plantas aquáticas. Sob esta forma elas podem sobreviver vários meses na vegetação.

Quando os bovinos ingerem a água ou a vegetação, as larvas atravessam a parede do intestino, caem na cavidade peritoneal e daí atingem a superfície externa do fígado, em cerca de 6 dias. As formas imaturas penetram no fígado e "abrem rancis" dentro dele, quando a caminho dos dutos biliares. Ocasionalmente os parasitas atingem outros

órgãos, como os pulmões de bovinos. Nas fêmeas gestantes as formas imaturas podem passar para o feto.

Os sinais mais característicos da fasciolose são aqueles relacionados à presença dos parasitos adultos nos dutos biliares. Há uma fraqueza progressiva, anemia e hipoproteïnemia com desenvolvimento de edemas, tanto na região da cabeça quanto no abdômen. Muitas vezes observa-se além da diminuição do ganho de peso ou mesmo perda de peso, uma grande dificuldade de expelir as fezes (constipação).

Quando animais novos são submetidos a uma parasitose maciça (aguda) a morte pode ocorrer sem qualquer manifestação clínica, em consequência do trauma causado pelo parasita durante a migração pelo fígado. Em infestações crônicas de bezerras há emagrecimento progressivo com prostração, chegando à morte em diversos animais.

O diagnóstico parasitológico da fasciolose pode ser feito pelo encontro dos ovos nas fezes, usando uma técnica de sedimentação como por exemplo o método de Hoffman. No período agudo da doença a pesquisa dos ovos nas fezes é sempre negativa; nessa fase o diagnóstico pode ser confirmado pelo encontro das formas imaturas na cavidade peritoneal e na superfície do fígado cortado durante a necropsia.

O controle da fasciolose dos bovinos deve concentrar-se tanto na destruição dos

caramujos quanto no tratamento dos animais portadores (fômites de infecção).

Note-se que durante as inundações as águas dos criadouros podem transportar o caramujo e mesmo os seus ovos para locais distantes, onde vão criar novos criadouros. A vegetação das pastagens que sofre inundações periódicas são portanto as mais perigosas, porque com a volta ao estado normal e a evaporação, os animais têm acesso mais fácil às forrageiras que contêm as larvas imaturas.

O controle dos caramujos e consequentemente a drenagem das áreas úmidas e aplicação de moluscicidas nas regiões pantanosas. A exclusão das pastagens pantanosas como área de pastejo, por meio de cercas, é ainda outro método que pode ser aconselhado dependendo da situação local.

Todos animais parasitados, apresentando ou não sintomas clínicos, devem ser tratados.

Consulte seu veterinário.

pelo Dr. Claudio Lindet, médico veterinário, doutoramento em higiene e tecnologia do leite, Universidade de Gießen-Altenheim, Alemanha, e do Instituto de Diagnóstico e Referências Epidemiológicas, Ministério da Saúde, Brasília, DF. (011) 522-7135 - Fax: (011) 548-5220

ANUÁRIO DOS CRIADORES E AGRICULTORES - 1992

Grandes comentários sobre a situação e perspectivas dos mercados de cereais e oleaginosas, da carne bovina, suína e avicultura, do leite e derivados, cana e álcool, café, citrico, soja e milho. O segundo Pacote Agrícola para a safra 1991/92.

41 páginas sobre o DIREITO TRABALHISTA RURAL, as grandes mudanças ocorridas e as novas leis em vigor.

 **148** páginas em branco para serem preenchidas, formando uma verdadeira agenda para anotações diárias pessoais, do que se recebeu e gastou para balanços mensais e anuais e o inventário da propriedade.

 **38** páginas em branco para se fazer o controle ZOTÉCNICO, SANITÁRIO E CONTÁBIL DOS BOVINOS, inclusive para se fazer um controle leiteiro particular.

 **20** páginas em branco para o controle ZOTÉCNICO, SANITÁRIO E CONTÁBIL DOS EQUINOS.

Farta matéria sobre as doenças mais comuns nos bovinos. Medicamentos e recomendações.

Sobre EQUINOS publica o trabalho: A problemática da equinocultura no Brasil e proposição de um novo sistema de produção e logo a seguir uma série de interessantes observações para novatos e veteranos.

Ao lado de outras matérias publica endereços de interesse da classe.

São 376 páginas em volume encadernado, no formato 21 x 38 cm.

Preço: Cr\$ 50.000,00 - Porte incluído

Pedido de ANUÁRIO DOS CRIADORES E AGRICULTORES - 1992

Em pagamento do pedido de um exemplar do ANUÁRIO DOS CRIADORES E AGRICULTORES - 1992, estou enviando com este o respectivo valor de Cr\$ 50.000,00 em cheque nominal a EDITORA DOS CRIADORES LTDA através de remessa pelo Banco..... ou do cheque nº.....

Endereço: Av. José Cesar de Oliveira, 175 - CEP 05317 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 831-7966 - R.253

ou Fazenda:

Cep

Data/...../..... Estado.....

Assinatura

A COMERCIALIZAÇÃO DA SAFRA 1991/92

O governo federal anunciou em 12 de março último, no interior do Rio Grande do Sul, um conjunto de medidas que envolve recursos destinados ao custeio, investimento e comercialização do setor agrícola. O evento foi marcado pela euforia. Depois das frustrações ocorridas nas safras dos últimos dois anos, existe na área oficial um grande otimismo, em decorrência da recuperação da colheita da região Centro-Sul.

De fato, a safra da verão deverá apresentar uma produção de cereais e oleaginosas, com mais de 7,0 milhões de toneladas acima do ano passado. Isso poderá gerar uma renda adicional de US\$ 1,2 bilhão na economia rural. Porém, o país ainda está longe de concluir a obtenção de uma nova super safra, como o governo dá a entender junto a opinião pública.

Neste aspecto, em particular, cabe oportunamente fazer algumas ponderações, já que a colheita da safra de verão ainda está em andamento e deverá alcançar o momento de pico entre meados de abril e maio, quando se intensifica o grande fluxo de grãos nos canais de comercialização.

Especificamente, com referência ao conjunto da safra 1991/92, as medidas pendentes que estavam sendo aguardadas pela agricultura dizem respeito a definição:

- do plano da safra de inverno;
- do plano da comercialização da safra de verão.

Com relação ao Nordeste, é interessante lembrar que o governo tinha formulado a sua política de produção junto com a do Centro-Sul, com algumas diferenciações em preços mínimos e VBC's. Em termos de colheita, tendo em vista a grande instabilidade destas regiões, face ao baixo padrão tecnológico e as frequentes adversidades climáticas, não há condições de maiores expectativas. A produção do ano passado, de 7 milhões de toneladas, pode ser considerada como favorável, pois ficou acima do patamar histórico do Norte-Nordeste.

No tocante a safra de inverno, o governo anunciou a liberação de Cr\$ 650 bilhões (ao redor de US\$ 340 milhões) para o custeio do trigo, triticultura e outros produtos de inverno. O preço mínimo do trigo teve um reajuste real superior a 20% em relação ao do ano passado. Contudo, o seu preço mínimo de US\$ 140 a tonelada, ainda está abaixo do planejado pelos triticultores.

Pertinente à comercialização propriamente dita da safra de verão, o pacote baixado pelo governo pode ser dividido em dois blocos de

medidas:

- primeiro: aquelas de aplicação imediata a curto prazo (Tabela 01)

Segundo: aquelas de aplicação a médio prazo ou que dependem de outras ações de decisões (Tabela 02).

É preciso reconhecer que, em termos de comercialização da safra de verão o pacote foi anunciado no momento oportuno e se, de fato, for cumprido integralmente, poderá trazer grandes progressos para o setor agrícola. Porém, a credibilidade do governo perante os agricultores

TABELA 01 - MEDIDAS DE CURTO PRAZO

ITEM	MEDIDAS
1. Normas para operações de EGF	a. Crédito para 100% da produção do agricultor ou cooperativa com prazo de vencimento de até 180 dias b. EGF com opção de venda (COV) somente para pequenos produtores de alimentos básicos. c. Juros: micro pequenos produtores, 9,0% aa, mais TR; médios e grandes produtores, 12,5% aa TR; produtores de soja, 18,0% aa, mais TR; beneficiadores, indústrias e exportadoras, 19% aa, mais TR; d. EGF especial, ou seja, prorrogação dos contratos para produtores que não conseguiram saldar suas dívidas juntos aos bancos dentro dos 180 dias regulares. e. Novo cálculo nos débitos dos agricultores prevê que no mês de vencimento do empréstimo, a taxa de correção TRD seja a praticada no primeiro dia do mês. f. A exigibilidade das aplicações de crédito rural foi estendida aos Empréstimos do Governo Federal (EGF), ao pré-custeio da safra 1992/93 e também aos investimentos para recuperação do solo.
2. Programa "warrant-ouro"	- Valorização dos papéis ("warrants") emitidos pelos armazéns, possibilitando a negociação mais ágil de mercadorias e evitando o valvém dos estoques.
3. Prioridades para concessão de financiamentos	- Sementes melhoradas e defensivos orgânicos não poluentes terão prioridade de financiamento.
4. Máquinas	- Liberação de Cr\$ 300 bilhões (US\$182,10 milhões pelo BNDES, através do FINAME, para compra de máquinas agrícolas.
5. Pré-custeio	- Autorização para realização de operações de pré-custeio, possibilitando a compra antecipada de semente e fertilizantes pelos agricultores para a próxima safra de verão.
6. Recuperação dos solos	- Liberação de Cr\$ 200 bilhões (US\$ 114,23 milhões) para a compra de calcário, financiados a juros de 12% aa, mais TR. - Distribuição gratuita de gesso agrícola, através do convênio com a Petrolêtil, para fornecimento de 20 milhões de toneladas do corretivo.
7. Programa de irrigação Noturna	- O governo autorizou a implantação do programa que reduz as tarifas de energia elétrica usada em irrigação, no período compreendido entre 23:00 e 5:00 horas, entre 70 e 90%, de acordo com a região.

TABELA 02 - MEDIDAS DE MÉDIO PRAZO OU QUE DEPENDAM DE OUTRAS ALÇADAS DE DECISÕES

ITEM	MEDIDAS
1. Formas para Operações de EGF - O projeto de lei depende de aprovação do Congresso Nacional	a. Prêmio de liquidação de contratos de EGF. Por este instrumento, o produto sob contratos de EGF, no momento do vencimento é colocado em leilão nas bolsas de mercadorias. Se o valor obtido no pregão ficar abaixo da dívida, o Tesouro estará autorizado a cobrir a diferença. O subsídio, neste caso, é estimado em Cr\$ 150 bilhões (US\$ 85,68 milhões). Ainda não se sabe quais produtos que serão beneficiados.
2. Armazenagem - Depende de aprovação do Congresso Nacional	a. Alteração da Lei de Armazenagem de 1903, atribuindo rigorosas responsabilidades civis e criminais aos armazenadores para dar maior credibilidade aos certificados de depósito e fazer com que o produto armazenado só seja removido quando o último comprador realmente utilizá-lo. b. Redimensionamento de 4 mil armazéns, que haviam sido descredenciados por irregularidades. O país conta com 6 mil armazéns no setor rural.
3. Fundo de Investimento em "Commodities" - Deve ser regulamentado pelo Banco Central ainda no mês de março.	- Criação de fundos de aplicações financeiras, cuja carteira será constituída, em boa parte, por contratos de comercialização de produtos agrícolas comercializados em bolsas de mercadorias, tanto no mercado físico quanto futuro e ainda por "warrants". O objetivo é captar para a agricultura parte dos recursos aplicados nas bolsas de valores e possibilitar que investidores estrangeiros possam adquirir cotas desse instrumento. Já foi aprovado pelo Conselho Monetário Nacional.
4. Fundo Rural de Investimento - Depende de aprovação pelo Congresso Nacional para sua regulamentação.	- Semelhante aos fundos de ações, sua carteira será composta por cotas de empreendimentos agropecuários, por debêntures simples ou conversíveis em ações ou em grãos (no produto objetivo do empreendimento) emitidas pelas responsáveis pelo empreendimento cujos projetos precisam antes ser aprovados pela instituição financeira escolhida para administrar o Fundo.
5. Redução da Carga Tributária - Ambas dependendo de aprovação do Congresso Nacional. - Dependem de negociação com o CONFAZ - Dependendo do Senado Federal - Dependem da Negociação.	a. Isenções de PIS e FINSOCIAL para a comercialização de produtos básicos e de imposto de importação para máquinas e implementos agrícolas. b. Redução do ICMS sobre produtos da cesta básica: para 7%, para 5,5% (operações internas) e 5% (internacionais). c. Equalização das alíquotas em todos os Estados e difusão do imposto até a liquidação dos contratos formalizados em bolsas de mercadorias.
6. Comissão para o Desenvolvimento de Mercados	- O Presidente instituiu a Comissão Permanente para o Desenvolvimento dos Mercados Agrícolas, para acompanhar a implantação de bolsas de mercadorias e de mercados futuros, visando assegurar o êxito das medidas.
7. Banco de Crédito Cooperativo	- Voto do Conselho Monetário Nacional, criando condições para que o sistema cooperativo organize seus bancos de crédito. O Banco Central já baixou resolução a respeito.
8. Agroindústrias	- Grupo de trabalho estudará, em 90 dias, medidas de créditos e subsídios para incentivar a instalação de agroindústrias no Centro-Oeste.
9. Programa de Redução de Perdas	- O governo pretende investir Cr\$ 500 bilhões (US\$ 303,50 milhões) em campanha nacional para se otimizar as operações envolvidas na produção, colheita, transporte e armazenagem, para evitar as perdas na produção agrícola que, em 1991, foi de ordem de US\$1,5 bilhão.

ainda está muito abalada, dado os desconhecimentos entre as promessas e o cumprimento da política agrícola anunciada nos últimos dois anos.

Com efeito, tomando como exemplo somente o ano passado, tem-se que, em julho, o governo anunciou o primeiro pacote do plano de safra no momento ideal, porém deixando em aberto importantes aspectos ligados a conexão dos preços mínimos e VBC's. Ademais, não liberou os recursos como prometera nos meses seguintes. Somente no segundo pacote do plano de safra, em outubro, o governo de fato veio fazer a emenda e cumprir a liberação dos recursos, como prometera.

Agora, espera-se que o governo consiga aglutinar, neste elenco de medidas sobre a comercialização da safra de verão 1991/92, as virtudes dos dois pacotes de 1991, tanto no que se refere ao momento oportuno do anúncio (julho), bem como ao volume de recursos liberados (outubro).

A curto prazo, o grande desafio da política está em assegurar a estabilidade da renda do setor, sendo, para tanto, imprescindível que:

1. Haja recursos para gerar liquidez no sistema de comercialização, principalmente do tipo:
 - a) operações de EGF na conversão automática do custeio, no Centro-Oeste;
 - b) operações de AGF, ainda que em quantidades limitadas, em áreas estratégicas de São Paulo e Paraná, próximos aos centros de consumo das matérias-primas.
2. Cumpra-se os preços mínimos que, apesar de relativamente altos, já que foram fixados pelo governo em razão da escassez conjuntural de alimentos, precisam ser honrados pelo menos na comercialização desta safra. Isso trará credibilidade para a classe produtora, com impacto positivo sobre o plantio do próximo ano.

Já a médio prazo, o governo dá sinais claros que procurará modernizar o sistema de comercialização, através de:

1. Criação de fontes alternativas de recursos, além do sistema de crédito rural.
2. Adoção de outros instrumentos de comercialização.

Com o cumprimento dessas medidas, tanto de curto como de médio prazos, o governo estará dando um grande passo no sentido de quebrar o ciclo dos choques dos preços agrícolas sobre a inflação, que nos últimos quinze anos se repetiram sete vezes na economia brasileira.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

(Ex-Associação Paulista dos
Criadores de Bovinos).
Reconhecida como de
utilidade pública pelo Decreto
Estadual nº 33.811, de 20 de
outubro de 1958.

Registrada no Ministério da
Agricultura sob nº 35, com
jurisdição nacional

66 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



DIRETORIA

Presidente

João Carlos Alcântara Filho

Vice-Presidente

Otávio de Mesquita Sampeio
Ruy Calazone de Araújo
Gustavo Cabral de Almeida
João Antonio Cavalcanti

Secretários:

Carlos Ramo Strappe
Cláudio Brito Soares

Tesoureiros:

João Curi
Guthrie Monteiro Junqueira

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

General Diogo Branco Figueira

Vice-Presidente

Alberto Chap Chap

Conselheiros Natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Benedito Fagundes Gomes
Hélio Moreira Sales
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
João Carlos Alcântara Filho
Marcelo Espírito Santo de Oliveira Filho

Conselheiros Efetivos

Antonio de Oliveira Pereira
Luiz Cláudio Gomes de Freitas
Carlos Eduardo Vieira Ribeiro
Roberto Cano de Araujo
Vicente Martins Júnior
Carlos Alberto Julio Lohmann
Gervasio Diniz Junqueira
José Luiz Salgado Corrêa
Adelino José da Góes
Mário Corrêas Barbosa
Arnaldo Lima
Luiz Rondon Teixeira de Magalhães
Fernando Magalhães
Romulo Magalhães
Fernando Euler Bueno
Fábio Carlos Martins Júnior
Israel Pinheiro de Souza
Armando de Moraes Barros
Paulo de Paula Lima Moraes
Carlos do Amaral Costa
Rubens Motta Campos
Edwin Romário Montenegro
Luiz Bagatão Pereira de Almeida
Francisco Jacintho de Silveira

Suplentes

José Carlos Guimarães de Oliveira
Luiz Antonio de Silva Melo
José Carlos de Almeida Braga
Wilverton Rapchoon Barreto
José Maria Figueira
Dorival Almeida Leal
Cícero de Toledo Piza Filho
Albino de Paula Lima Moraes
Eldor Ribeiro Dantas Filho
Claudio Sobral Góes de Castro
Oswaldo Pereira Guimarães
Newton Ferreira de Silva

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Arnaldo A. Pedro Cantato
Luiz Sérgio de Oliveira
Ruy de Oliveira

Suplentes

José Adão dos Santos
Antonio Tadeu Jaffé
João Luiz de Freitas Brito

CONSELHO TÉCNICO DEBUTATIVO

Presidente

Roberto Cano de Araujo

Vice-Presidente

Luiz Antonio de Silva Melo

Secretário

Antonio Carlos Gouveia

Conselheiros

Representante do Ministério da Agricultura
Med. Vet. Dr. Wanderley Antunes
Fidelis Alves Neto
Maurício José de Alcântara
Germar Junqueira Oze
Carlos do Amaral Costa
Fernando do Prado Rorato
Fernando Gomes de Castro Júnior
Guthrie Lange Gouveia

Comissão Regional do Rio de Janeiro

Presidente: Custódio de Almeida
Vice-Presidente: Mário Camargo Barbosa
Secretário Executivo: Fernando Magalhães

DEPARTAMENTO JURÍDICO

Consultor Jurídico

Pinto de Moraes Lima, Advogado

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Provas Zootécnicas e Registros

Cláudio César Salazar, Zootecnista

Assistência Técnica - Veterinária

Antonio Carlos Gouveia, Med. Vet.

REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Produção: Sílvia M. Penna de Almeida Moura

Diagramação: Antonio Augusto Silva

Colaboradores: Roy A. Bastos Freire Filho, e correspondente no Japão, F. Testini, Fidelis Alves Neto, General Diogo Branco Ribeiro, Manoel José de Alcantara, Seção de Economia: Eng. Agr. Luiz Antonio Pinazza e Eng. Ivan Wedekind.

Revisão: Thales F. de Souza

Departamento de Publicidade da Editora:

Gerente: Luiz de Almeida Penna Filho

Contatos: Charles Alves, Ana Maria G. Harbach

Fotolito Criadores S/C Ltda

Gerente Responsável: Sílvia M. Penna de A. Moura

Assinatura - 12 edições da Revista e 1 exemplar do Anuário dos Criadores e Agricultores; Cr\$ 75.000,00. Números atrasados, ao preço da última edição em banca. Publicação mensal.

ISSN0034-9259

Departamento de assinatura:

Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna

Redação: Av. Dr. José César de Oliveira, 175 - CEP 05317 - Tel.: (011) 831.7712 e 831.7966 R 253 - Fax: 261.8438

Fotolito próprio:

FOTOLITO CRIADORES S/C LTDA

Venda Avulsa: Rio de Janeiro - RJ Guanabara Jornais e Revistas Ltda., Rua Antonio Ribas, 72 - Inhumas, Londrina - PR Jornal - Com. Publ. de Jornais e Revistas Ltda., Rua Minas Gerais, 61 - Fortaleza - CE Distribuidora Edicção de Publ. Ltda. Goiânia - GO Distribuidora de Jornais e Revistas - R. Maximiliano da Mata Teixeira, 788 - salas 01-05 - Centro - CEP 74.000. Belo Horizonte - MG Agência Van Damme Ltda. Rua Guajará, 505 - CEP 30180.

Local da remessa dos exemplares da RC aos associados da ABC, Departamento Social AV. José Cesar de Oliveira, 175 - Jaguatê - CEP 05317 - São Paulo - SP

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC, e são de responsabilidade dos que os submetem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

NOSSA CAPA

Vistas panorâmicas da
PEDRÕES FAZENDAS REUNIDAS
Agora também em Uberaba - MG
O BEST - SELLER DO NELORE

Escritório Central - Belo Horizonte - MG

Rua da Bahia, 478 s/loja A e B
CEP 30160

Tel.: (031) 212.1949 e 212.1621

Fax.: (031) 212.1181

Filiais - Uberaba - MG

Av. Leopoldo Oliveira, 873
CEP 38010

Tel.: e Fax: (034) 333.4161

São Gonçalo do Abaeté - MG

Rod.: BR-040 Km 265 - Canoeiros
Tel: (038) 754.1444

Três Marias - MG

Av. Santos Dumont, 292
CEP 39205

Tel: (038) 754.2020 e 754.2070

Fax.: (038) 754.1696

ABRIL DE 1992 - ANO LXI - Nº 747

SUMÁRIO

- | | |
|---|--|
| 01 - Negócios Rurais | 21 - Marchigiana conquista o Norte do país |
| 02 - Diagnósticos e Prevenções | 22 - Projeto de um curral |
| 04 - Ponto de Vista | 27 - Hidrovias e Desenvolvimento Regional |
| 08 - Agricultura Forte é a Meta do Novo Programa Banespa | 28 - Revistas das Revistas |
| 10 - Pesquisa Agropecuária: A Alavanca para o Desenvolvimento | 31 - Informativo Pardo Suíço |
| 11 - Instalações para confinamento | 32 - Mangalarga Marchador |
| 14 - Como tratar vacas com problemas nos pés | |

Suplemento: "O Que vai Pelo Controle Leiteiro" e Notícias



REDAÇÃO

Av. Dr. José Cesar de Oliveira, 175 - S. Paulo - CEP 05317 - Tels.: (011) 831.7712 - 831.7966 R (253) - Fax: 261.8438

As novas instalações estão localizadas junto a sede da Associação Brasileira de Criadores. Possui amplo estacionamento. Sua visita será uma satisfação

AGRICULTURA FORTE É A META DO NOVO PROGRAMA BANESPA

O Banespa está revolucionando o Crédito Rural ao lançar o Programa de Pagamento em Equivalência de Produtos. Agora, o produtor rural terá muito mais tranquilidade ao contratar e pagar o financiamento de sua safra.

Mairi Beloni



Nelson Nicolau: "Créditos para fortalecer o produtor capaz"

O Banespa deu um passo definitivo, no dia 25 de fevereiro, em sua caminhada para se consolidar como um dos mais eficientes bancos agrícolas do país ao formalizar, juntamente com o governador Luiz Antônio Fleury Filho, o Programa Banespa de Pagamento em Equivalência de Produtos - um desdobramento do já bem sucedido Programa do Leite, lançado no final do ano passado.

A cerimônia, realizada no auditório do Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual, foi prestigiada pela Diretoria do Banco e assistida por mais de dois mil agricultores e produtores rurais de todo o estado que lotaram as galerias.

"Esse é um dos dias mais felizes do meu governo", disse o governador Fleury, assim que tomou a palavra. "É assim porque estamos realizando um sonho acalorado há muito tempo: dar tranquilidade aos nossos produtores rurais", esclareceu. O governador lembrou que ainda durante sua campanha eleitoral ele já prometera fortalecer a agricultura do estado, considerando que é ela um dos esteios "no combate à recessão, à miséria e à fome no nosso país", afirmou.

"Quando a agricultura vai bem, a economia vai bem", salientou o governador. "A indústria vende mais, o comércio se expande. E o nosso país quer isso, quer emprego, quer desenvolvimento", acrescentou. Segundo Luiz Antônio Fleury, para estimular a agricultura, como o Banespa vem fazendo, adotando o programa governamental, não é necessário aplicar altas taxas de juros porque, "o agricultor, se tiver prazo e assistência, não deixa de pagar suas dívidas. Ele é um cliente que interessa sempre a qualquer banco. Exemplo disso é como o Banespa vem aumentando a participação do crédito rural em sua carteira".

O Programa Bancspa de Pagamento em Equivalência de Produtos pode ser considerado como uma revolução dentro dos mecanismos tradicionais de financiamento ao setor agrícola. A dívida do produtor passa agora a ser calculada no valor do que ele produz. Por exemplo, se ele planta milho, vai converter sua dívida em tantas sacas desse grão. Se planta feijão, trigo ou algodão, fará o mesmo com o seu produto, que é, em outras, a sua moeda, aquela na qual faz cálculos e planeja sua própria economia. A tranquilidade garantida ao produtor é de que ele não precisará quitar sua dívida integral se o preço do seu produto estiver abaixo do nível de inflação do período. Ele paga somente o que foi estipulado, em sacos, e refinancia o que sobrar como residual", explicou o diretor de Crédito Rural e Industrial, Nelson Mancini Nicolau, que assinou, em nome do Banco, o documento que formaliza o Programa.

Pela nova sistemática, a produção contrai, em créditos, a necessidade para a sua produção. Esse valor (crescimento dos juros fixos: 6% para pequenos e médios produtores, 12,5% para os grandes e 15% para projetos de investimento - e corrigido pela TR) é convertido em unidades do produto financiada. No vencimento do contrato, o produtor paga, em créditos, pelo preço da mercadoria, o equivalente à quantidade definida em produtos. Se o preço estiver acima, tendo subido acima dos índices da TR (Taxa Referencial), o produtor terá ainda um excedente ao saldar a dívida. Se o preço estiver abaixo, ele paga apenas o que contraiu em produtos e pode esperar a alta para completar o pagamento.

Praticamente todos os produtores ou atividades rurais estão contemplados no Programa - exceto as produções de laranja, cana-de-açúcar, seringueira, pecuária de corte e projetos de reflorestamento, que têm condições sem a necessidade de crédito externo.

PRODUTOS VIRAM MOEDA

O Bancspa não é imobilizante, nem revendedora de equipamentos agrícolas", distingue o diretor do Crédito Rural e Industrial Nelson Mancini Nicolau. "Não nos interessa ficar com as terras ou com tratores e máquinas de um produtor", completa. Com esses argumentos, o diretor explica o porquê da essência do sistema de equivalência em produtos: "O agricultor não entende de textos, juros e aplicações. Quem entende disso somos nós. Ele

entende mesmo é dos produtos da terra. É essa a sua moeda e é com ela que ele pensa e faz cálculos para saber o quanto vai pagar ao banco", explica. "Realizamos pesquisas que mostram que os produtos agrícolas costumam se valorizar acima da inflação, atingindo bons preços. Por isso, basta dar prazo para os agricultores que eles são perfeitamente capazes de saldar sua dívida com o banco", garante.

Mas, se não está interessado em ficar com o patrimônio deixado como garantia para o financiamento, não quer dizer que o Bancspa está se transformando em casa de caridade. "Isso não", afirma o diretor. "Quem não for competente não adianta se arriarem", avisa. Afinal, o Programa busca exatamente estimular a produção de alimentos no estado e no país.

Para orientar os agricultores em suas culturas e na busca de maior produtividade, o Bancspa conta com uma equipe de 150 agrônomos, espalhados por todas as regiões do estado. "Busca consultores nas agências", orienta o diretor.

Criado nos moldes do Programa do Leite, lançado no final do ano passado e que já tem mais de 600 contratos firmados, um total de Cr\$ 7 bilhões, o novo Programa é uma ideia que vem tudo para dar certo. Do orçamento para o primeiro semestre de 1992, de cerca de Cr\$ 350 bilhões, o diretor Nelson Nicolau estima que 90% serão aplicados no Programa em Equivalência de Produtos.

Vale lembrar que o novo Programa não se limita à concessão de crédito para o custeio da safra - também projetos de investimento podem ser contemplados. Nesses casos, os juros - que são de 6% para pequenos e médios produtores e de 12,5% para os grandes, nas operações de custeio - passam para 15% no crédito para investimentos.

Para a comercialização da safra, ou seja, que tem afixado o desenvolvimento da atividade e enriquecendo os alimentos para a população, o Bancspa também tem uma proposta inovadora. São os Certificados de Mercadoria, papéis emitidos pelos próprios agricultores, para a comercialização de sua produção futura, e que podem ser negociados nas Bolsas de Valores. Com os recursos provenientes da venda desses papéis, o produtor pode custear o plantio, com maior autonomia e fugir da figura tão desgastada do intermediário. "Faltam alguns pontos ajustes técnicos para o lançamento dos Certificados de Mercadoria. Esperamos em breve anunciar também sua formalização", adianta o diretor Nelson Ni-

colau.

COMO FUNCIONA O SISTEMA

Agora, quem quiser que vá plantar batatas! Ou café - já que são essas as culturas que têm apresentado resultados mais animadores nos últimos anos. Com o Programa Bancspa em Equivalência de Produtos, o agricultor vai poder apostar nos produtos que conhece melhor, plantando o que lhe apraz e, ainda assim, vai poder dormir tranqüilo, sabendo que o Banco não está interessado em imobilizar seu negócio, ainda que os preços dos produtos agrícolas acabem ficando abaixo da inflação.

Para entender melhor como funciona o Programa, a Diretoria de Crédito Rural e Industrial (Dircr) demonstra a seguinte exemplo hipotético:

Suponha-se que um determinado agricultor procure em qualquer agência Bancspa o financiamento de Cr\$ 10 milhões para plantar 15 alqueires (equivalente a 30 hectares) de milho. Supondo-se que a saca de milho, no momento do assinatura do contrato, esteja cotada a Cr\$ 10 mil, o agricultor terá que pagar, ao final do prazo combinado, o valor correspondente a 1.000 sacas (preferente aos Cr\$ 10 milhões, o capital financiado) e mais 60 sacas (que são os juros de 6% cobrados aos pequenos agricultores) somando, portanto, o total correspondente a 1.060 sacas do produto.

Ao final do contrato, se o preço de milho tiver se valorizado acima dos índices da TR (Taxa Referencial), o agricultor poderá pagar sua dívida com o Banco vendendo uma quantidade menor de sacas. Mas, se o preço estiver abaixo da inflação e para pagar o financiamento o agricultor precisasse de, por exemplo, 1.200 sacas, ele não vai ter de se desfazer de sua terra. Ele só paga o correspondente às 1.060 sacas contratadas inicialmente e refinancia as 140 sacas restantes também pelo sistema de equivalência em produtos.

O objetivo desse sistema é permitir que o produtor rural tenha tranquilidade e tempo para esperar os preços melhorarem. Não precisa vender tudo na hora, perdendo dinheiro e se desmotivando na atividade agrícola. E o Banco, além de receber de volta tudo o que emprestou e os juros, ainda estará contribuindo para a melhoria na produção de alimentos no país.

Pesquisa agropecuária: a alavanca do desenvolvimento

José Antonio Barros Munhoz

Não é mera coincidência o fato de que os países mais desenvolvidos do mundo são os que mais investem em pesquisa. Sem investir em pesquisa nossos métodos de produção são obsoletos e não é por outra razão que nossa agropecuária não obtém maiores avanços em matéria de produtividade, com safras cada vez menores e importações cada vez maiores.

Em 1985 o Brasil investia 5,8% do orçamento da União em ciência e tecnologia. Em 1990 aplicou-se apenas 0,7% do orçamento no apoio à tecnologia. Em 1980 o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico recebeu recursos da ordem de US\$ 253 milhões, mas em 1990 esses recursos caíram para US\$ 26 milhões.

Paralelamente ao abandono da pesquisa está se desestimulando os pesquisadores e cientistas. Hoje temos 4 pesquisadores para cada dez mil habitantes, enquanto que em países avançados essa relação é de 4 pesquisadores para mil habitantes. Isso sem contar a precariedade dos laboratórios brasileiros, detasados e com produção reprimida.

Na área agropecuária essa situação, agravada nas últimas décadas, veio acompanhada por uma profunda perda de consciência da importância da agricultura. Em um país essencialmente agrícola, deixou-se de dar prioridade à agricultura, provocando um perverso empobrecimento do campo com transferência de renda e pessoas para os centros urbanos. Por isso, amargamos em 1991 a importação de sete milhões de toneladas de alimentos, com gastos de US\$ 2 bilhões das reservas cambiais.

E mesmo com esses elevados níveis de importação não somos capazes de eliminar nossos grandes déficits na produção de leite de cinco bilhões de litros por ano. Entre outras coisas porque nossa produtividade média por vaca é de 800 litros anuais, enquanto que na Argentina essa média é de dois mil litros por vaca/ano e em Israel chega a ser de quatro mil litros por vaca/ano.

Desde o início do governo Fleury temos insistido na recuperação dos nossos institutos de pesquisa e na revalorização dos nossos pesquisadores que, apesar da crise, não se entregam, continuam trabalhando seriamente, procurando criar alternativas e saídas para nossos problemas. É por isso que o governador regulamentou as carreiras de apoio à pesquisa e tem feito tudo para melhorar as condições de trabalho dessa dedicada categoria, sem a qual não conseguiremos atingir nossa meta de atender os agricultores de São Paulo. Sabemos que eles são a alavanca para o aumento da produtividade e para a retomada do desenvolvimento.

Ao assumirmos, alguns dos nossos institutos, como o Agrônomo e o Biológico, estavam com alguns setores paralisados devido à falta de verbas. O IB havia parado de produzir vacinas e antígenos contra a brucelose e tuberculose, que atingem 8% do rebanho nacional. A ausência desses insumos vinha provocando sérios prejuízos aos produtores paulistas. Já no caso do IAC, a falta de técnicos vinha paralisando o laboratório de análise de solos, de fundamental importância para os agricultores. Com uma correta análise de solo, o produtor sabe que corretivos e fertilizantes utilizar e em que quantidade,

com reflexos indiscutíveis no aumento da produtividade.

Diante disso voltamos nossos esforços para reativar os institutos de pesquisa e valorizar nossos técnicos. O governador Luiz Antonio Fleury Filho destinou recursos para a execução de projetos emergenciais que determinassem a retomada de importantes serviços prestados pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento. A primeira consequência disso é que já reativamos os indispensáveis trabalhos do Laboratório de Análise de Solos, reaparelhamos nossas fazendas experimentais e já estamos lançando novas variedades de vários produtos. Além disso estamos entrando também na área de biotecnologia, inaugurando um moderno laboratório na Estação Experimental de Cordeirópolis.

Já no IB, a injeção de recursos pelo governador Fleury permitiu a contratação em caráter emergencial de 121 profissionais, o que possibilitou a retomada da produção de vacinas e antígenos. Este ano vamos produzir 204 milhões de doses desses insumos, contra as 30 mil doses produzidas em 1990.

Neste mês de fevereiro inauguramos o Centro de Cultivo Celular no IB, o que possibilitará a produção de vacinas e então importadas.

Por entender que somente com uma agropecuária forte, produzindo alimentos fartos e baratos, é que sairemos da crise, o governador Fleury intensificará seu projeto de recuperar totalmente os 17 institutos de pesquisa do estado, especialmente os que contribuem para o avanço tecnológico da nossa agricultura, uma das prioridades de seu governo.

Instalações para confinamento

Oscar Ferreira Fraga e
José Alberto de Ávila Pires
Eng.º Agr.º - EMATER-MG

As instalações necessárias para um confinamento são bastante simples. Podem ser utilizadas piquetes, pastos ou mangas, quando se for fazer suplementação a pasto ou semi-confinamento, ou então utilizar instalações rústicas, já existentes ou construídas com arame ou madeira.

O único investimento indispensável será a construção de cochos em quantidades suficientes para o fornecimento da alimentação volumosa, concentrada e minerais, aos animais além naturalmente de aguadas ou bebedouros.

Todavia, aqueles que pretendem construir instalações completas e próprias para confinamento, apresentamos nas Plantas 1 e 2 algumas sugestões.

Exemplo de planta para confinamento de bovinos - A planta 1 mostra a planta baixa e fachada de uma instalação para confinamento de 50 cabeças.

Este tipo de instalação é comumente chamada de "curral parcialmente coberto", por

apresentar uma cobertura ao longo da cerca destinada a proteger os cochos de alimentação, evitando assim o sol e a chuva, além de oferecer alguma sombra para os animais.

Quando não se usa esta cobertura dos cochos de alimentação, tem-se uma instalação do tipo "curral a céu aberto".

Para se evitar a formação de lama, deve-se calçar uma área próxima aos cochos, com paralelepípedo ou concreto, encasalhando a área restante.

Merecem destaque as seguintes observações:

Área disponível, por animal, na instalação - No caso de se calçarem apenas as áreas próximas aos cochos, a instalação deverá ficar com uma área total de 12 a 14 m² por animal. Neste caso, mantém-se o comprimento de 35 m, passando a largura para 17-20 m.

Para o caso específico da Planta 1 (comprimento: 35 m x largura: 10,65 m = 372,75 m² + 50 cabeças = 1,50 m²/cabeça). TODO O CURRAL DEVE TER O PISO CALÇADO

Espaço disponível, por animal, no cocho para volumoso - É outro detalhe que deve merecer muita atenção.

Deve-se manter de 0,50 m a 0,70 m de espaço disponível por animal, no cocho para volumoso.

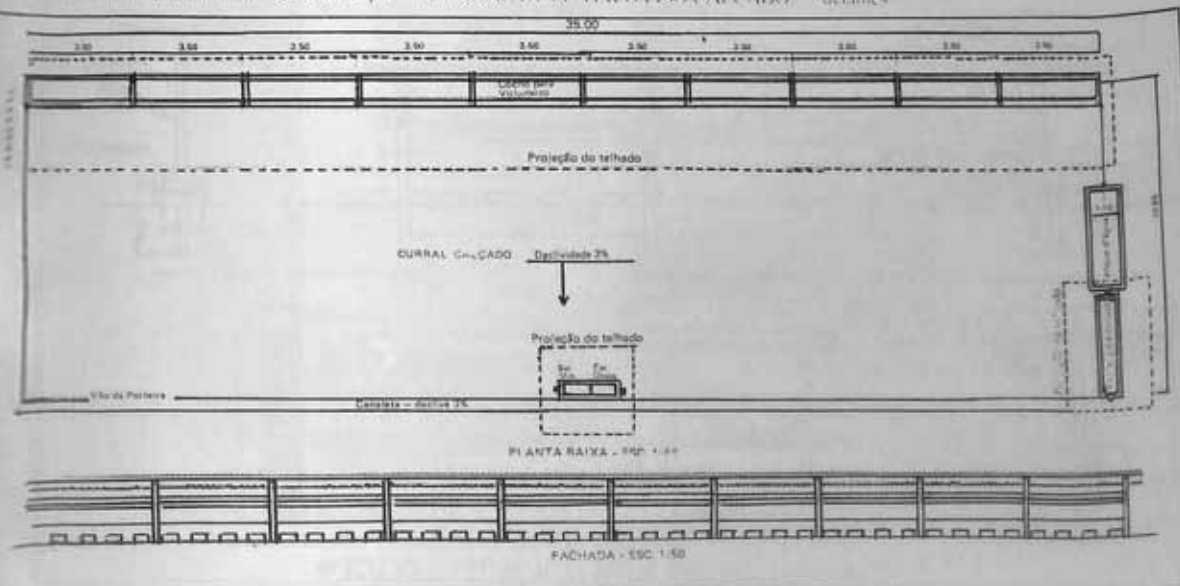
No caso específico da Planta 1 temos: 35 m de cocho para volumoso + 50 cabeças = 0,70m/cab.

Este espaço permite o fornecimento ao mesmo tempo, da alimentação a TODOS os animais, sem causar "STRESS" aos mesmos, com conseqüente diminuição no ganho de peso e resultados negativos.

A Planta 2 mostra o detalhamento do cocho para volumoso, bebedouro, cocho para melão x uréia e cocho para sal mineral.

Quando não se usar mistura melão x uréia, o cocho de sal mineral deve ser colocado no local daquele, atendendo assim a dois currais.

Na planta 2, destacam-se ainda os seguintes detalhes:



EMATER - MG
Coordenadoria de Apoio Técnico
Especificação: INSTALAÇÕES PARA CONFINAMENTO DE BOVINOS - 50 U.A.

Projeto: Oscar Ferreira Fraga - Eng.º Agrônomo CREA 5388
Desenho: Miguel A. Sant

TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD



**CAMPEÃO DE TODAS
AS PROVAS DE
DESENVOLVIMENTO
PONDERAL, DESDE 1975
RUSTICIDADE,
FERTILIDADE E GRANDE
GANHO DE PESO.
TABAPUÃ, A RAÇA FEITA
PARA O BRASIL.**

Fazenda Agua Milagrosa
Cx. Postal 23 Tel.: PABX (0175) 62-1117
15880 - Tabapuã - SP

Cocho para volumoso - Coberto com telhas de amianto (BRASILIT), lencol em declive de 10%, com duas telhas na faixa de 1,83 m e 2,13 m. Recomenda-se a menor telha na parte superior da faixa.

Tesoura - Distância entre tesouras, 3,5 m. Admite-se no caso de telhas de amianto na cobertura, o uso de madeira de acordo com o detalhamento na planta.

Cocho - Com base de alvenaria vasada. Fundo de lage pré-moldada com ferro de Ø 3/16". Três fios de arame liso 3 x 24 mm acima do cocho, o primeiro 0,60 m e os demais 0,15 m um do outro.

Curral calçado - com 3% de declividade, (traço: 1:4:8, 40% de pedra-de-mão) com canal coletor de chorume na extremidade.

Cerca - cerca de arame liso (3 x 24 mm) de sete fios, 2 m de distância entre os esteios.

Cocho de sal - No fundo do curral, no meio da cerca, de acordo com a planta, a fim de evitar acúmulo de novilhos próximos à água e ao melaço.

Água e melaço - Devem ficar na divisão dos dois currais, para atenderem os dois lados de acordo com a planta.

O material usado na construção deve ser de boa qualidade, principalmente a madeira, que deve ser peroba e os esteios de aroeira.

Curral - cordalho ou arame liso.

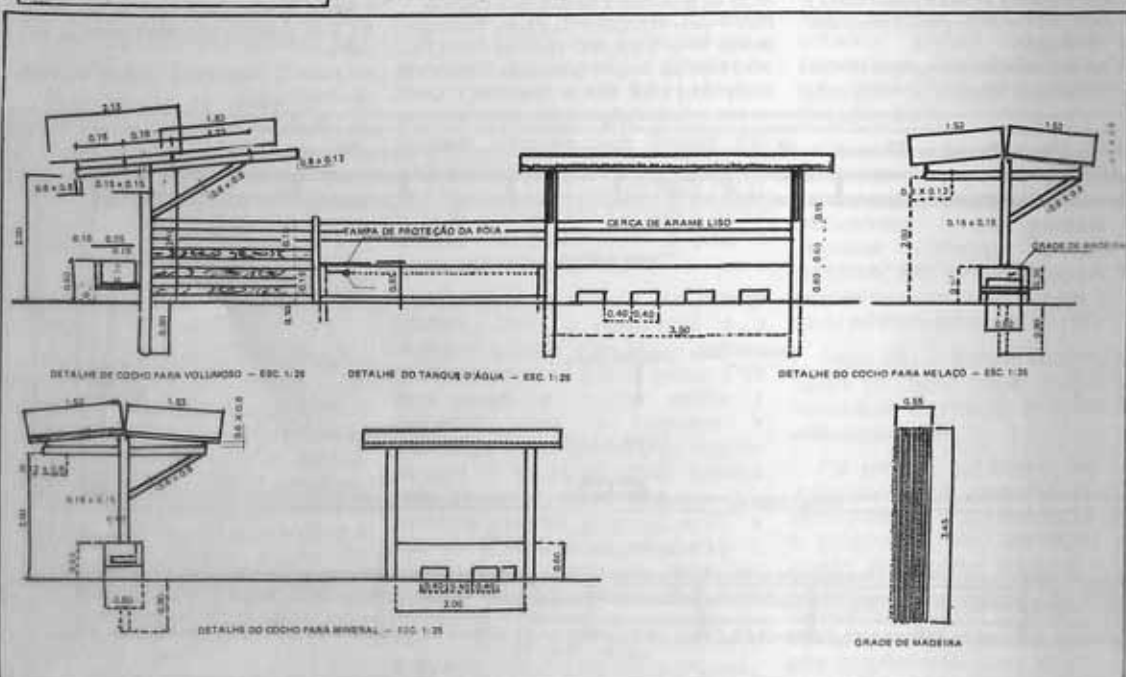
Lage pré-moldada para cocho de volumoso - Com 1,75 m x 0,80 m x 0,04 m, no tra-

ORÇAMENTO

a - Instalação para acabamento de bovinos em confinamento (50 UA) (35 m x 10 m)

Especificação	Unid.	Quant.
1. Cimento	Sc	140
2. Areia	m ³	53
3. Brita	m ³	04
4. Tijolos	mil	6.568
5. Cal	Kg	231
6. Ferro Ø 3/16"	Kg	100
7. Pedra	m ³	55
8. Esteios 3 m (15 x 15)	N.º	15
9. Madeira (6 x 12)	m	38
10. Madeira (6 x 8)	m	140
11. Telhas (1,53) amianto	N.º	20
12. Telhas (2,13) amianto	N.º	43
13. Telhas (1,83) amianto	N.º	43
14. Telhas cumeeiras amianto	N.º	43
15. Parafusos p/ telhas	N.º	212
16. Ganchos	N.º	80
17. Parafusos 1/2"	N.º	40
SOMA		
10% s/material		
18. Servente	Dias	100
19. Pedreiro	Dias	60
20. Carpinteiro	Dias	20

ço de 1:4:6. Cocho com dez divisões de 3,5 m cada uma.



EMATER - MG
Coordenador de Apoio Técnico
Especificação: Instalações para Confinamento de Bovinos - 50 UA

Desenho: Miguel A. São
Projeto: Oscar Ferreira Fraga - Eng. Agr. CRF/A - 5389

CYDECTIN* UM ANO PESANDO NA BALANÇA SEM PESAR NO BOLSO.



DISPONÍVEL EM 50ml,
300ml E 500ml.

- O PRODUTO DE MELHOR RELAÇÃO CUSTO/BENEFÍCIO DO MERCADO.
- MAIS DE 2,5 MILHÕES DE ANIMAIS TRATADOS, COM RESPOSTA CADA VEZ MELHOR.
 - O GADO GANHA MAIS PESO E APARÊNCIA.
- EXCELENTE AÇÃO CONTRA VERMES E CARRAPATOS.
- AÇÃO MAIS PROLONGADA: EVITA REINFESTAÇÃO POR ATÉ 4 SEMANAS APÓS SUA APLICAÇÃO.

Como tratar as vacas com problemas nos pés

O equipamento e os processos usados no tratamento dos problemas dos pés dependem do tipo de manequira apresentado pela vaca. O cuidado dispensado ao animal recentemente tratado dos pés é muito importante.

Após identificar o problema da vaca, o passo imediato é estar seguro de que os cascos aparados sejam tratados apropriadamente. Deve-se ter em mente como é um pé: e é com isso que o animal se mantém de pé ou andando adequadamente. Há necessidade de usar alguns instrumentos comuns para aparar as unhas, conhecer alguns pontos básicos do processo de aparar e o que deve ser feito após a operação.

Há muitos tipos de instrumentos que podem ser usados para cortar os cascos. Primeiramente, para retirar os pedaços iniciais e grandes de tecido são usados freqüentemente os grandes aparadores e torquês. Para trabalhos mais delicados e para suavizar os cortes e feridas, facas próprias para exames (freqüentemente chamadas facas de ferradores) podem ter maior utilidade para o acabamento. usam-se lixadeiras e raspadeiras elétricas.

Que instrumentos são melhores? Depende da preferência pessoal e da fase da operação de aparar. Todos os utensílios devem ser mantidos afiados e em condições apropriadas para serem usados.

A fim de aparar um casco excessivamente alongado e profundo, deve-se iniciar a operação pela retirada de alguns tecidos das unhas. O principal é tornar o comprimento do dedo de proporção apropriada e com o tamanho desejado do casco, ou o tamanho da vaca. Portanto, a quantidade de tecido a ser retirada varia com o comprimento da unha. Serão retirados pequenos pedaços a fim de evitar cortá-los demasiadamente.

NÃO SANGRAR

O velho ditado "não se deve aparar até sangrar", é bastante correto. De fato, aparar em excesso pode resultar em séria manequira para a vaca, contrariando assim nossos propósitos. No caso de dúvida, é aconselhável não ir muito além.

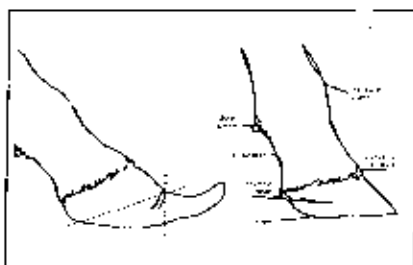
Depois de a unha ter sido aparada, retirar-se o tecido existente na parte inferior do pé, usando o casco como ponto de referência e trabalhando de modo inclinado sobre a

unha. Em geral, quando a unha é longa, há mais peso distribuído sobre o casco, tornando-o desgastado e raso.

Iniciando pelo casco e removendo progressivamente mais para o lado da unha, pode-se preservar o casco remanescente. As unhas, efetivamente, podem suportar mais peso, capacitando a vaca de manter-se mais confortavelmente.

Com as unhas, a operação tem início por pequenos cortes. O objetivo é ter um pé nivelado, equilibrado e de conformação apropriada. Se o pé estiver desproporcionalmente alongado e profundo, em sua aparência, é aconselhável aparar pequenas porções em intervalos freqüentes de tempo (a cada três meses) até o pé ficar correto. Isto dará tempo para que os vasos sanguíneos regredam da porção interna do pé e permitam novas apurais.

Um pé normal de vaca tem cento grau de



O casco a esquerda necessita claramente ser aparado. A forma do pé condiciona o ângulo do manequira (gerais). As linhas interseccionadas mostram onde fazer os cortes.

convexidade, em relação à sola, que força a manilha externa a suportar um peso considerável. Deve-se debastar parte da tecido do interior da sola, perto da divisão interna das duas unhas, o que diminui parcialmente o acúmulo de pedriscos e de outros ao caminhar sobre cascalho.

Observando-se as vacas com os cascos aparados nos pastos, as pisadas em estábulo, em confronto com as continuamente confinadas em estabulação livre, estas parecem não apresentar essa convexidade natural e toda a sola é exposta à superfície durante a caminhada. Assim, a sola é sujeita a maior tensão um resultado do animal andar sempre sobre concreto.

Uma lima grossa pode ser usada para alisar as áreas duras decorrentes do uso de torções, torquês ou facas. Deve-se ter cuidado com a produção excessiva de calor na parte que está sendo limada, por isso pode causar danos, contraindo fibroses propósitos.

A MURATILHA CÔRNEA

Uma orientação para quem está apurando cascos é ter cuidado com a manilha córnea. Isto é como a sua "linha branca" ou jorção — córnea com a sola, na periferia do pé, visível de sua parte inferior. A manutenção dessa estrutura é importante para a função do pé. Por vezes, partes da manilha (usualmente nas unhas) podem ter sido removidas por causa do comprimento excessivo, umidade ou infecção.

O cone córneo é por vezes necessário. Ao ver uma vaca que deve ser apurada, deve ser colocada sobre uma superfície plana. Note-se ela fica parada ou andando e de que modo, se anda sobre cascos se os parotes estão doentes, se os dedos ficam para dentro ou para fora, se anda de pressa etc.

Por exemplo, se uma vaca anda com os dedos para fora, o interno tem tendência para ser mais longo e mais grosso que o lateral. A aparatura deve ser concentrada na parte mais profunda dos dedos internos.

Outro problema encontrado em muitos rebanhos são as unhas em "sacavetado". Esta anomalia é tida como hereditária em algumas linhagens de animais. É mais grave, nas unhas laterais dos membros posteriores nas quais a curvatura córnea estende a parte inferior do pé e a unha, é usualmente levantada, causando a aparência de um sacavetado.

As aparar as unhas de uma vaca com a anomalia, segue-se o processo habitual, dedicado para uma unha alongada, tendo em consideração como é um pé normal. Contudo, neste caso deve-se aparar bastante a parede córnea, a fim de que a borda da manilha fique perpendicular (em ângulo de 90°) à superfície existente para andar, em vez da superfície da manilha projetada.

Sabemos que nem todos os defeitos de conformação podem ser corrigidos com a operação de aparar. Às vezes, se a situação

FAÇA, HOJE, PARTE DO FUTURO

PIEMONTÊS



- O maior rendimento de carcaça. 72% no puro.
- Melhor qualidade da carne.
- Precocidade para o abate. Com 2 anos, 16 arrobas no 1/2 sangue.



NELORE

FAZENDA LALIN

Uma fazenda já no futuro

Visite para comprovar:

- Dez anos de sucesso no cruzamento Piemontês/Nelore.
- Alta resistência aos desafios do campo com excelente fertilidade.

Venda permanente de tourinhos de 1/2 sangue até puros, controlados e garantidos.

AVARÉ-SP - Fone: (0147)
58-6129 - Sr. Renelso.



**NÓS NÃO COMPETIMOS,
NÓS COMPLEMENTAMOS!**

Programa de Vitrines
Implante em sua propriedade sem
investimentos, utilizando sêmen
importado de touros provados.



SUPENÇA COMÉRCIO E AGROPECUÁRIA S.A.
AV. PAULISTA, 453 - CONJ. 152 - CEP 01311 - SÃO PAULO - SP
TEL: (011) 281.1100

ICIS-BR BRASIL

TELEFAX: (011) 288-9166

muito acostumada, a anatomia da perna pode ficar permanentemente alterada. E pode ocorrer o oposto quando os problemas dos pés são criados diretamente por deformações congênicas da perna.

Também é extremamente difícil realizar uma operação de aparar corretivamente em uma vaca, pois é um animal difícil (com duas unhas), com duas áreas de pressão, separadas em cada pé, em oposição à superfície clara que se observa no cavalo. Esse tipo de aparelado requer muita experiência, e, quando feita incorretamente, pode gerar mais problemas do que resolver os.

O cuidado posterior é um assunto de manejo do pé, muito importante, embora frequentemente ignorado. Após o desbaste, os tecidos novos e sensíveis, que são muito

vulneráveis a traumas e infecção, ficam expostos ao ambiente e este é especialmente o caso quando se remove muito tecido.

Deve-se ter cuidado com a proteção do pé por certo tempo, a fim de permitir que as camadas externas da sola se tornem um tanto mais duras ou novamente resistentes. A exposição a superfícies abrasivas ou objetos pontiagudos, tais como o concreto recentemente colocado, os pastos ricos de cascalhos, os estábulos livres mal servidos de camas, os currais ásperos ou o solo congelado, devem ser evitados por duas ou três semanas após a operação de desbaste.

Um plano para identificar as vacas problema, o aparelado adequado e os bons cuidados posteriores permitem manter as vacas no rebanho por mais tempo e capacitá-las a produzir mais leite. Entretanto, o

manuseio das vacas durante a operação de aparar pode tender a diminuir sua produção temporariamente. Devido a isto, é melhor fazer o desbaste quando elas estiverem fim da lactação e pelo menos 6 a 8 semanas antes da parição, para evitar as possibilidades de aborto. Nas vacas não paridas, as apareladas feitas duas a três semanas antes do parto na primeira podem propiciar tempo suficiente para que o pé adquira resistência, sem afetar seriamente a produção.

Nock, J.E. How to trim cows no problem feet.

N. da R.: O A é amigo professor, dedicada ao desbaste de cascos e estudos graduado de nutrição da gado leiteiro à Instituto Politécnico de Virginia, da Universidade Estadual.

O concreto úmido produz muitos problemas nos pés nos bovinos

As superfícies óperas e novas desgastam os cascos dos bovinos, tornando-os sensíveis, ao passo que o concreto liso e velho parece não gastá-los totalmente. Os corredores inclinados e as condições úmidas agravam os problemas.

No entanto, muitos granjeiros se orgulham dos modernos e eficientes estábulos e construídos para seu gado e ficam espantados com o fato de verem que as vacas apresentam lesões de cascos, alguns meses ou um ano após. Atribuem a anomalia aos touros que geraram suas vacas, mas pensamos que o concreto úmido pode ser o principal culpado. Dependendo das condições desse tipo de piso, ele pode desgastar as unhas ou fazer com que cresçam demasiadamente, e quanto mais tempo as vacas permanecem sobre o concreto, sem cuidados ou medidas para suavizá-lo piores se tornam seus pés.

Nos países nórdicos (pastagem), as paredes dos cascos suportam a maior carga do corpo, porque o pé possui um fundo côncavo. Sobre concreto, as partes inferiores do casco ficam usualmente achatadas e por isso muito suscetíveis aos traumatismos.

EFEITOS

Em geral, os problemas decorrentes dos pés são interpretados em porcentagem de vacas desgastadas por interrupções súbitas nos

pés e nas pernas, ou então, em que essas partes do corpo são mencionadas como enzão para a refugagem. Esses valores são baixos (2 a 3%) e, assim, os efeitos diretos não são considerados muito importantes.

Nossas observações e evidências preliminares sugerem que os efeitos indiretos dos problemas podais são mais importantes que os diretos.

Que acontece quando uma vaca fica sobre um a superfície áspera ou dura? Sobre concreto, podem aparecer lesões dos pés com as dores ressaltantes. No capim, pouco há de asperezas que prejudiquem os pés. O solo congelado pode ter quase o mesmo efeito do concreto.

A mártia ou quase todos os sistemas de confinamento completo causam distorções dos pés em muitos bovinos, após eles terem ficado ali por algum tempo. Pode-se perceber facilmente porque os pés ficam deformados com as unhas crescidas. O comprimento dos cascos não aparados talvez seja o melhor indicador de problemas.

O ângulo formado pela orla de pelos sobre os dedos é o meio mais indicativo, mas difícil de medir. A profundidade do talão, embora mais indicada para verificar constância uma terceira dimensão que pode ser bem válida quando a orla dessa parte acerta a lamina (aquecimento) ou a fraqueza das quartas.

Alguns pés ficam "espalhados" sobre o

concreto, ao passo que outros se movem rapidamente. Os ferimentos fazem com que as vacas alterem a distribuição de seu peso corporal ao andar, o que pode contribuir para que um membro suporte mais do outro.

Observamos que algumas vacas têm unha posterior externa maior que a inferio. Isto faz mudar a distribuição do peso e cria defeitos nos juncos. Chegamos a ver borros que sofriam das juntas logo depois nascimento.

As vacas com problemas sérios dos pés posteriores ficam frequentemente com as partes mais baixas que as anteriores. Um estudo alemão mostrou que esse peso diminuía o peso sobre os pés posteriores. Isso é verdade.

A proporção de desgaste dos pés posteriores é maior do que a das anteriores porque aqueles são submetidos a maiores números de kg por unidade de área de suas partes anteriores. A porcentagem de peso do corpo suportado pelas pernas anteriores posteriores varia entre os animais. Os membros posteriores suportam cerca de 43% do peso de um touro, 45% de uma novilha e 50% de uma vaca leiteira. Entretanto, a relação de tamanho do pé, na mesma vaca leiteira é de cerca de 55% para membros anteriores e de 45% para posteriores.

Experiências feitas na Alemanha sobre concreto úmido deram resultado de que

2º LEILÃO

Barba

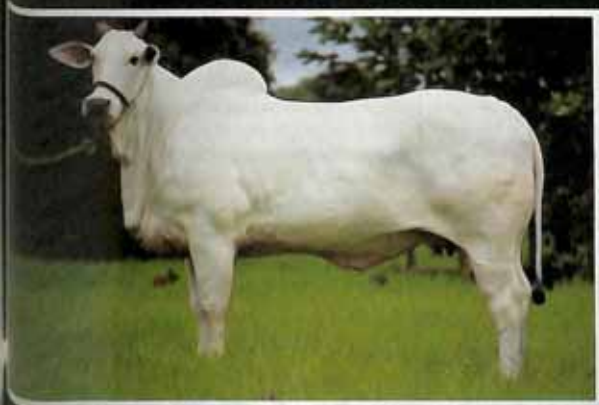


**PECPLAN
EMBRIÕES**

Lianb

E CONVIDADOS

RECEPTORAS PRENHES DE NELORE (PADRÃO E MOCHO) E GIR LEITEIRO



PAIE: Campeã Nacional em Uberaba e Expoinel



SAIA DA CAL: Linhagem Conhaque Virbay e Krishna S. Virbay

1º DE MAIO - 92 - 12h CENTRAL DE TECNOLOGIA UBERABA - MG

UTILIZE



abrasão 83% maior do que sobre concreto seco. Também as diferenças de desgaste dos cascos entre vacas foi maior sobre concreto úmido, em comparação à abrasão sobre o piso seco.

A umidade amolece a parede externa do casco e, se alguém não acreditar nos efeitos da água, tente cortar suas próprias unhas antes e após lavá-las em água por 10 minutos. Efetivamente, o pé úmido é submetido a maior número de problemas e distorções do crescimento das unhas, sobre qualquer tipo de piso.

As condições úmidas, anti-higiênicas, favorecem a invasão bacteriana e danificam os tecidos vitais do casco. Os cascos úmidos têm menor capacidade para absorver os impactos e por isso transferem-nos mais para as pernas.

No estudo alemão, dentre 16 diferentes tipos de misturas de concreto usados, a de areia de quartzo mostrou ser a mais favorável para os pés. Uma mistura de pedra vulcânica grosseira foi a pior. Este material produziu cerca de duas vezes mais abrasão do que a areia de quartzo. A proporção de cimento na mistura não teve importância.

Precisamos conhecer mais acerca do que pode ser posto no concreto destinado à manutenção de vacas.

Qualquer que seja o modo de limpar o piso, o concreto novo apresenta certos problemas especiais: desgaste excessivo, sangramento e achatamento dos cascos.

Se os pés da vaca estiverem em boas condições no início de sua exposição ao piso, a maioria pode ser mantida sobre concreto até 4 a 6 meses, sem exibição de man-

queira funcional evidente.

Colocadas no pasto, as vacas se restabelecem um tanto, mas os pés ainda assim parecem mal. O corte dos cascos antes de colocar o animal no pasto auxilia o processo de restabelecimento. As vacas mancas parecem despendar maior proporção de tempo deitadas quando são retiradas dos pisos de concreto e postas no pasto: o repouso seria parte do restabelecimento.

Temos notado que as vacas, que se tornam gordas, têm problemas podais, mais graves do que aquelas em que o ganho de peso é moderado.

Os problemas dos pés, como já mencionados, são em geral um fato geral, usado para descrever qualquer condição anômala ou função dessa parte do corpo. Reconhecemos que provém de diferentes fatores causais, entre os quais os seguintes:

1 - a quantidade ou porcentagem de tempo que as vacas ficam sobre superficiais ou pisos duros. Os efeitos são aumentados pela umidade e a aspereza, contínuas;

2 - qualquer coisa que interfira na circulação periférica causa a má qualidade do tecido córneo que se deposita no casco. Fatores aparentes são as infecções sérias, febre, disfunção do rume ou distúrbios metabólicos, que, entre outros males ocasionam laminite ou agumento, sob vários graus;

3 - os traumatismos e afecções dos pés são evidentes. A atividade excessiva no animal em cio sobre pisos escorregadios ou abrasivos pode ser uma causa, nem sempre observada. A diarreia por vírus dos bovinos é exemplo de doença que pode resultar em

problemas podais. Realmente, qualquer condição tóxica pode prejudicar os pés, mas o efeito visível usualmente ocorre meses depois (N. da R.: note-se que os AA não fazem menção à febre aftosa que no Brasil é uma das principais causas de lesões dos pés dos bovinos e suínos);

4 - a nutrição exerce um papel importante, pois as quantidades inadequadas de aminoácidos que contêm enxofre, o principal constituinte dos chifres, cabelos e cascos, têm, a longo prazo, efeitos maléficos. Também parece que a falta de alguns minerais menores, tais como o zinco, o manganês e possivelmente o cobre, pode contribuir. Os excessos de fluor e cobre também podem ter efeito. Embora sem provas, há cada vez maiores evidências de que quantidades inadequadas de fibra na ração podem agravar eventualmente os problemas dos pés;

5 - o excesso de peso causa uma sobrecarga dos pés do animal e possíveis problemas metabólicos após o parto, que contribuem provavelmente para a redução da circulação e depois para os males dos pés;

6 - a idade do animal é importante, desde que a qualidade dos cascos vai piorando progressivamente à medida que as vacas envelhecem, devido ao incompleto restabelecimento de vários problemas dos pés no início da vida. Além disso, o peso do corpo é maior com a idade e aumenta a carga que os cascos devem suportar;

7 - as vacas precisam gastar 12 a 14 horas deitadas, por dia, para manter seus pés secos e saudáveis, de sorte que é necessário ter



FAZENDAS HARAS REDEMÇÃO MARCHIGIANA

VENDA DE REPRODUTORES PO E CRUZADOS

TELS: (0192) 41.7080 - 42.5803 - CAMPINAS

(0162) 76.1220 - SÃO CARLOS

cessivo tempo em que ficam deitadas pode indicar problemas dos pés;

8 - a genética tem um efeito direto. Nossos estudos, com mensurações efetivas dos pés, sugerem a existência de uma quantidade significativa de variação genética. A herdabilidade, medida mediante contagem de pontos de dados visuais é pequena, mas real.

Muitas informações que temos recebido em nossos estudos provêm de organizações de inseminação artificial, e encontramos touros que tem sido incriminados em parte por muitos problemas podais e que nos parecem relacionados com o concreto úmido. Não obstante, vimos uma vaca que produziu 9.080 kg de leite sobre piso de concreto úmido.

Mesmo que sejamos eventualmente capazes (e se necessário) de fazer cobrir vacas que possam manter-se sobre concreto, sem cuidados extras dos pés, necessitamos enfatizar o manejo, nesse meio tempo.

Claramente, há necessidade de mais pesquisas, e na Universidade Estadual da Carolina do Norte estamos pesquisando a associação de características podais com fatores tais como reprodução, produção de leite, peso do corpo, idade produtiva, taxa de sobrevivência e tipo de estabulação. Parte desses estudos tem relação com os seguintes itens:

- forma e tamanho do pé;
- as suas ângulos, comprimentos, tamanhos e proporções;
- as taxas de crescimento e de desgaste; peso do corpo por unidade de superfície do pé;
- associação entre características físicas

dos pêlos e do tecido do casco.

QUE SE PODE FAZER

Em nosso ponto de vista, as seguintes medidas, se adotadas, poderiam diminuir os problemas dos pés:

- colocar as vacas leiteiras no chão (não congelado) pelo tempo que puder. Tente-se manter o gado fora dos pisos de concreto por 10 a 12 horas por dia, na maior parte do ano, se possível. Se necessário, é válido algum investimento nesse sentido.

- colocar as vacas secas no solo ou no pasto, onde elas possam ter mais exercício. Não deixar que engordem;

- testar a forragem grosseira e outros alimentos, balanceando-se a proteína da ração, assim como a fibra, a energia, os minerais maiores e menores;

- controlar as doenças, especialmente a mastite e as devidas a vírus, tais como a diarreia bovina por vírus;

- usar um pedilúvio com sulfato de cobre, se houver problemas, ou se a área do estábulo ficar úmida por muito tempo. O pedilúvio com sulfato de cobre em si não evita todos os problemas dos pés, mas, possivelmente, os reduz. De fato, em alguns rebanhos, ele tem auxiliado grandemente. Alguns granjeiros pensam que a cal hidratada nova pode auxiliar a solução dos problemas dos pés. Qualquer coisa que se faça é boa, mas deve-se impedir que o pedilúvio seja simplesmente um depósito de esterco;

- os cascos devem ser adequadamente aparados, se tiverem problemas, no fim da lactação. Mas é preciso ter cuidado porque

um mau trabalho ao aparar-os pode causar manequira;

- alisar o concreto novo e enrugado antes de colocar as vacas. Um dos métodos para esse fim consiste em arrastar repetidamente um grande bloco de concreto. Se a abrasão intensa constituir problema, evite-se que as vacas façam voltas agudas sobre o concreto úmido e áspero. Mas se isso for inevitável, procure-se revestir a área com borracha ou outro tipo de material. Ironicamente, em muitos rebanhos com concreto velho e liso, a superfície áspera ajudaria provavelmente os pés;

- enrugue-se ou salgue-se o concreto escorregadio. Ambos reduzem as lesões dos pés, devidas aos escorregões, e o enrugamento pode produzir um certo desgaste, contrabalançando o crescimento das unhas, que se verifica nas condições úmidas;

- façam-se outras alterações no manejo que possam auxiliar a manter secos os pés, tanto quanto possível.

Chegamos à conclusão de que a escolha do sistema de estabulação envolve provavelmente uma permuta entre o investimento e a mão-de-obra por vaca, evitando a grande depreciação da vaca por problemas podais.

- McDaniel, B.T.; Hahn, M.V. Wilk, J.C. - *Wet concrete compounds many foot problems.* Hoard's Dairyman.

N. da R.: o primeiro e o último dos AA pertencem à Universidade Estadual da Carolina do Norte, e Hahn é professor associado da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Central, Venezuela.

EQUIVITA

Vermífugo oral para equinos.

Em sua fórmula contém: CLOSANTEL + MERENDAZOL, sendo um dos vermífugos mais atuantes do mercado, atinge o maior número de vermes, sem ser tóxico. Pode ser aplicado em potros e em éguas prenhes sem risco.

Em breve nas melhores
CASAS AGROPECUÁRIAS.

ITAZOLIDINA

Estamos lançando FENILBUTAZONA EM PASTA, para uso veterinário. Um produto inédito no mercado. ITAZOLIDINA é um anti-inflamatório, anti-reumático e analgésico, não esteróide para equinos de fácil aplicação, pois é de uso oral.



PROVITA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS LTDA.

R. São Miguel Arcanjo, nº 476 - Jardim Nova Europa - Campinas - S.P.

Fones: (0192) 8-2258 - 31-3370 - 31-4121 - 42-6112 TELEFAX: (0192) 8-8100

EXEMPLO DE ITAPEVA

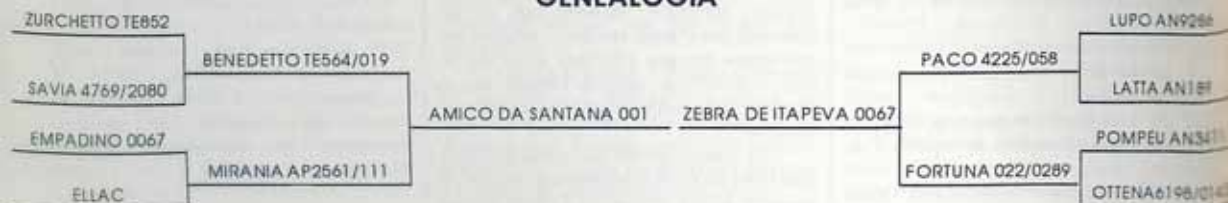


Raça: Marchigiana
 Prop./Criador: Israel Sverner
 Fazenda Cerrado de Cima - Itapeva - SP
 Nascimento: 28.07.88
 Registro: 1015
 Peso ao Nascer: 53kg Peso 1188Kg
 (Out/91)

PONDERAL

Idade Padrão	Peso Ajustado	Ganho Médio Diário
Dias	Kg	Kg/Dia
205	283,00	1,12
365	491,00	1,20
550	702,00	1,19
730	951,00	1,23

GENEALOGIA



COMENTÁRIOS E PREMIAÇÕES

Touro de excepcional **Desenvolvimento Ponderal**. Exemplo dispensa maiores comentários, demonstrando, pelo seu fentipo perfeito, ser um dos mais destacados reprodutores da raça na atualidade.

Na linha alta de sua ascendência, deparamos com **Amico da Santana**, reprodutor notório por gerar produtos superiores em ganho em peso e conformação. Na linha baixa, **Zebra de Itapeva** é a mais fértil das doadoras de embriões do plantel IS. Exemplo gerará progênie de qualidade superior, tanto em rebanhos puros quanto em Cruzamento Industrial.

Premiações:

Grande Campeão Itapetininga - 90
 Grande Campeão Marília - 90
 Grande Campeão Araçatuba - 90
 Grande Campeão Bauru - 90

Grande Campeão Expande SP - 90
 Grande Campeão Londrina - 91
 Grande Campeão Uberaba - 91

FAZENDA CERRADO DE CIMA

Rod. - SP - 258 - Km 268 - Caixa Postal 131 - Itapeva - SP - Tel: (011) 247.8995 - SP - (0155) 22.1916 - 22.1866R. 24 - Itapeva - SP

Discagem Direta PECPLAN
9 (011) 701-9755 — SP

SÊMEN DISPONÍVEL

PECPLAN
BRADESCO
 INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

A MELHOR GENÉTICA



MARCHIGIANA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE MARCHIGIANA

MARCHIGIANA CONQUISTA O NORTE DO BRASIL

Para se praticar a seleção e o melhoramento animal, é necessário escolher indivíduo reprodutores, geneticamente superiores. Aqui na região norte do País, é notável o crescimento do potencial genético tanto de zebuínos, como de seus cruzamentos, principalmente com a raça MARCHIGIANA.

"A GRANDE NOVA FRONTEIRA DE NOSSA PECUÁRIA", como está sendo considerada a região Norte, traz no manejo das pastagens, no trato do solo e na aclimação das espécies, uma singular maneira de praticarmos a zootecnia.

Os nossos fatores ambientais são diferentes dos de outras regiões, como o sul por exemplo, que apresenta uma energia radiante anual, da ordem de 103g/cal/cm², enquanto que no norte essa energia é de 187g/cal/cm². Portanto, na escolha dos indivíduos, precisamos buscar as características de pele e pelagem adequadas, desde que essas são fatores fundamentais para o equilíbrio térmico dos animais.

Para conseguirmos aliar rusticidade com precocidade, necessitamos de indivíduos portadores de pele pigmentada (preta), que impeça a penetração de raios ultra-violeta, causadores do Eritema Solar e pelagem branca, que reflete o calor oriundo dos raios infra-vermelho.

Indivíduos com essas características, vivem e produzem em ambientes quentes, como o nosso, de maneira confortável (conforto térmico).

A raça MARCHIGIANA que apresenta esse tipo de pele e pelagem, atingir, aqui no norte, sua plenitude econômica tanto nos puros, como nos cruzados com zebuínos.

O porte elevado, a conformação muscular avantajada, cascos negros e a precocidade, são outras excelentes características da raça MARCHIGIANA, que tem suscitado nosso interesse, para seu aproveitamento em cruzamentos com zebuínos.

Temos observado, nos rebanhos de animais puros MARCHIGIANA maior resistência a infestações de ectoparasitas, quando comparamos com outras raças européias.

Nota-se também nessa raça, grande habilidade materna, traduzida pela velocidade de ganho de peso dos seus produtos.

Por todas essas características favoráveis, a raça MARCHIGIANA vem apresentando excelentes resultados aqui no Norte, e provocado grande entusiasmo nos criadores, como o fato verificado em Outubro passado, quando no 3º leilão de Gado e Convidados, a Fazenda Ferreira Filho, de Alcides Augusto Lopes Chaves, alcançou os recordes de leilão, quando apresen-

tou em pista produtos MARCHIGIANA.

O animal é produto da herança e do meio ambiente, e, para demonstrar todo seu potencial genético, o indivíduo, necessariamente tem que ser adaptado ao ambiente.

A MARCHIGIANA possui as qualidades necessárias de herança genética e características físicas já descritas, que a tornam adaptável ao nosso ambiente.



E por isso que essa raça está contribuindo para o melhoramento da nossa pecuária de corte.

E por isso que a MARCHIGIANA conquistou o norte do País.

★
GUILHERME MINSEN
ZOOTECNISTA
CRMV-14-Nº 0028/z

Nota: Guilherme é da Empresa Select - Prom. e Eventos e Orientador Técnico dos criadores de Marchigiana - Núcleo do Pará.

NÚCLEO DE LONDRINA APRESENTA A RAÇA MARCHIGIANA

Organizado pelo Núcleo Regional de Londrina, constituiu-se em amplo sucesso a primeira apresentação da raça MARCHIGIANA no ano, em Paranavai - PR, durante a EXPO-VAIS2. A Marchigiana levou a pista 65 animais bem preparados e de bom nível zootécnico, que foram julgados pelo juiz Antonio Paulo P. Vieira. Receberam prêmios os seguintes animais:

Grande Campeão e Campeão Senior: Comício da Quat. Irmãos; Res. de Gde. Campeão e Camp. Touro Jovem: Farolo GV; Res. de Camp. Touro Jovem: Gigante do Paião; Camp. Junior Maior: Guarani da Quatro Irmãos; Res. Camp. Junior Maior: Girolo GV; Camp. Junior Menor: Gado da Quatro Irmãos; Res. de Camp. Junior Menor: Guardiano GV; Grande Campeã e Camp. Novilha Maior: Feliteira da Q. Irmãos; Res. de Grd. Campeã e Res. Camp. novilha Maior: Grandeza GV; Campeã Vaca Adulta: Dandara do Cachoeira; Res. de Camp. Vaca Adulta: Cruzada

da GV; Campeã Novilha Menor até 24 meses: Garoa GV; Res. Camp. Novilha Menor até 24 meses: Gioconda da Cachoeira; Campeã Novilha Menor até 19 meses: Gervina da Q. Irmãos; Res. Camp. Nov. Menor até 19 meses: Imperatriz da Q. Irmãos; Campeã Bezerra: Indústria GV; Reservada da Grande Campeã Bezerra: Ingra da Cachoeira.

Os criadores mais premiados foram, na ordem:

- Otavio Pedriali e Lauro G. Molina
- José Garcia Molina
- Regina Maria Marchesi Silva
- Evelazio Augusto Bley
- Luiz Antonio Mayrink Goes
- José Luiz Bilha Balan.

Na noite do dia 14/03 a Programa Leilões realizou um LEILÃO ELITE MARCHIGIANA, tendo como leiloeiro, Daniel Blik. Foram comercializados todos os 25 animais apresentados, que alcançaram os seguintes preços médios, para pagamento em três parcelas:

Machos PO - 2.400.000,00
Fêmeas PO - 2.500.000,00
Machos 7/8 - 1.800.000,00
Fêmeas 7/8 - 1.800.000,00

PRÓXIMOS EVENTOS DA MARCHIGIANA

No corrente mês de abril a Marchigiana estará presente importantes eventos, a saber: ITAPETINGA - SP Dos dias 19 à 25/04. Julgamento - 23/04. Leilão - 25/04 às 14.00 hs.

JALES - SP - Dos dias 19 à 25/04 (promoção do Núcleo Regional de Aracatuba). Julgamento - 22/04.

Já está certa a participação da MARCHIGIANA nas exposições de Quinhos, em maio; Aracatuba, em julho e S. José do Rio Preto, em outubro. Além dessas, está sendo estudada a participação nas exposições de Uberlândia em setembro, Expand, SP em novembro, e Avare, Daromos notícias na próxima circular. Os criadores interessados em participar desses eventos devem se manifestar.

Reprodutores Marchigiana

CVA Zootecnia dispõe
para venda
excelentes tourinhos
Marchigiana PO

Tel.: (011) 262.3955 - Adilson

Projeto de um curral

H. GHELFI FILHO *

A pecuária de corte exige uma infraestrutura adequada para o seu pleno desenvolvimento. Assim é que apresentamos um estudo de um projeto de um curral e equipamentos, como sugestão, bem como a estimativa dos materiais necessários.

Os preços dos materiais bem como o custo da mão-de-obra, ficam subordinados aos das respectivas regiões.

INTRODUÇÃO

Na pecuária de corte com seu franco desenvolvimento, vemos antigos criadores fazendo novos investimentos, bem como outros optarem por este tipo de atividade. Dessa forma, buscamos desenvolver uma infraestrutura adequada que represente um mínimo de investimento em instalações para o manejo dos animais.

Assim é que em função do tipo de exploração que o criador deseja imprimir na sua propriedade, uma determinada instalação se faz necessária.

Nesse trabalho desenvolvemos o estudo de um curral, onde abordamos a quantidade de material necessário para sua instalação.

MATÉRIAS E DISCUSSÕES

As instalações para gado de corte, devem ser simples, rústicas funcionais e de baixo custo. Sua finalidade é importante porque podemos fazer uma série de operações tais como: apariação, desmama, marcação, vacinação, castração, pesagem, higiene, bem como a alimentação e reprodução.

As instalações constam de curral e anexos como a seguir iremos descrever.

CURRAL

É a instalação indispensável de grande utilidade, pois, tem a finalidade de reunir o gado para uma série de operações. Como condições gerais para a sua instalação, devemos preferir locais altos e secos ou que sejam bem drenados; facilidade de abastecimento de água e fácil acesso. A localização dentro das pastagens, deverá ser de modo a se evitar longas caminhadas pelos animais.

Idealmente, como orientação mais favorável é a com exposição norte-nordeste, procurando proteção contra o vento sul e uma despesa adequada em relação aos pastos.

As formas quadradas e retangulares, são

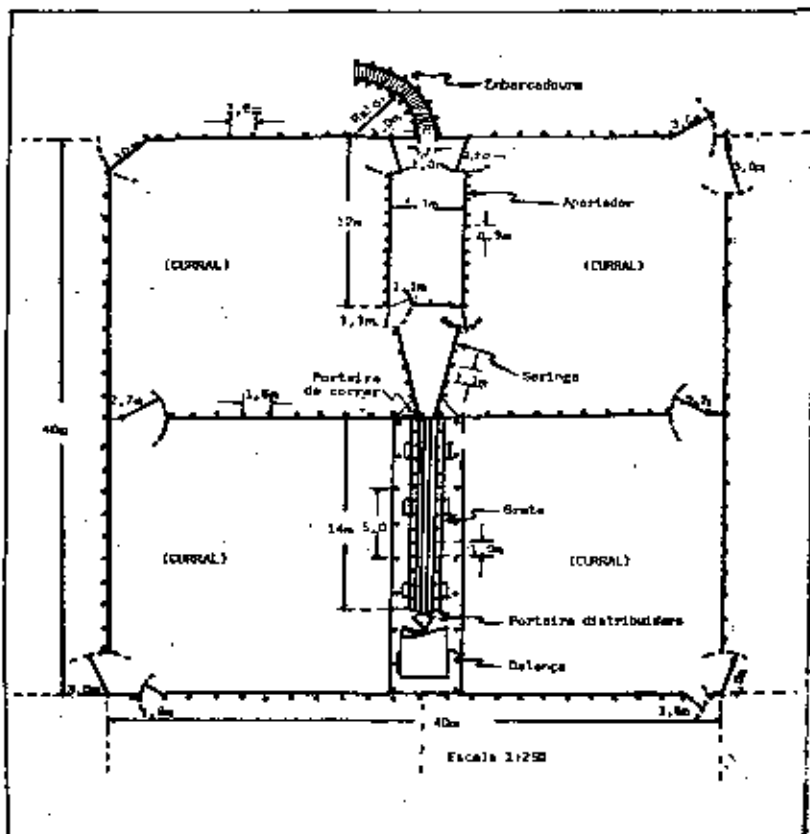


Figura 1 - Planta do curral com todos os anexos

as mais comuns e mais fáceis de construir, porém apresentam como desvantagem, os cantos ou quinas onde os animais costumam se agrupar, o que dificulta o manejo. As formas circulares e elípticas, facilitam o manejo dos animais, porém sua construção é mais difícil e poderá se tornar mais cara.

O número de currais vai depender do número de rebanhos ou seções da propriedade. A área disponível aos animais no curral apresenta uma grande variação, mas como recomendação mais usual, 3 (dois) a 4 (quatro) metros quadrados por animal adulto, PELIXOTO (1975). Alguns criadores podem pre-

ferir mais ou menos espaço por animal, dependendo do tipo de operação a ser desenvolvida. Podemos ter um curral principal, cuja finalidade é reunir todo o gado, se apenas parte dele, como é o que em geral acontece. Os currais secundários ou auxiliares tem a finalidade de agrupar os animais apartados após sofrerem as operações de manejo, PELIXOTO (1975).

No projeto, tratamos de um curral quadrado (40 x 40 metros), dividido em quatro currais (auxiliares). Dividindo-o novamente ao meio, temos os anexos na seguinte ordem: embacadura, aparador, seringas, pre-

* H. GHELFI FILHO - Professor de Matemática, Instituto de Educação.

te, porteira distribuidora e balança, FIGURA 1. Ele é circundado por uma cerca externa de madeira, composta de cinco tábuas de (15 x 2,5 cm de bitola) e espaçadas de 25 cm. A altura é de 2,0 metros a partir do nível do terreno. Os mourões colocados do lado de fora da cerca, distanciam-se de mais ou menos 1,60 metros. As porteiras instaladas nesta cerca, estão localizadas nos cantos do curral, a fim de facilitar a entrada dos animais provenientes das pastagens. A cerca interna, localizada entre a seringa e o frasco, divide o curral em duas partes iguais. Ela apresenta as mesmas características rústicas da cerca externa atrás descrita.

Estimativa dos materiais para as cercas (externa e interna):

93 mourões (externos) de mais ou menos 20 cm de diâmetro por 2,80 metros de comprimento total;

22 mourões (internos) de diâmetro de mais ou menos 20 cm por 2,80 metros de comprimento total;

700 metros lineares de tábuas (externas) de 15 x 2,50 cm;

173 metros lineares de tábuas (internas) de 15 x 2,50 cm;

16 kg de prego nº 20 x 30.

PORTEIRA

As porteiras, do tipo mostradas na FIGURA 2, tem 3,00 metros de comprimento por 2,00 metros de altura a partir do solo. Elas apresentam como reforço, duas tábuas de 8,0 x 2,5 cm em "X", mais duas verticais equidistantes. Esses reforços são colocados dos dois lados da porteira e fixados através de parafusos com rosca.

A porteira, propriamente dita, é composta de 5 (cinco) tábuas horizontais, de 16 x 1,0 cm. O trinco de fechamento, é uma chapa metálica em "L", que descansa em dois suportes colocados, um na porteira e o outro no mourão de encosto, conforme FIGURA 3. Necessitamos de 22 (vinte e dois) parafusos com rosca.

EMBARCADERO

O embarcadouro, localizado fora do corpo do curral, comunica-se com dois currais adjacentes e o apartador. Ele possui a forma semi-circular e em rampa, para que o animal saia sem ver o que está adiante. A curva tem um raio interno de 4 metros. A largura é de 1,00 metro e seu piso de madeira com tábuas transversais. A altura máxima do piso, no local de embarque é de 1,50 metros, que coincide com a cota da estrada do caminhão embarcadouro; as paredes são fechadas com sete tábuas de cada lado e tem 2,0 metros de altura. Elas são suportadas por 16 mourões de

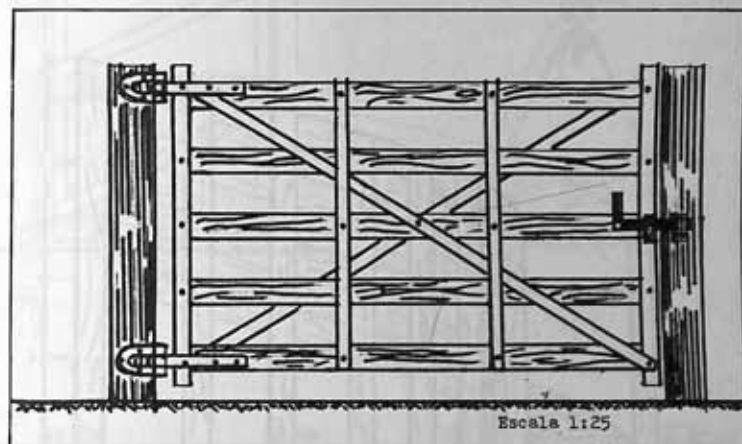


Figura 2 - Modelo de uma porteira partição

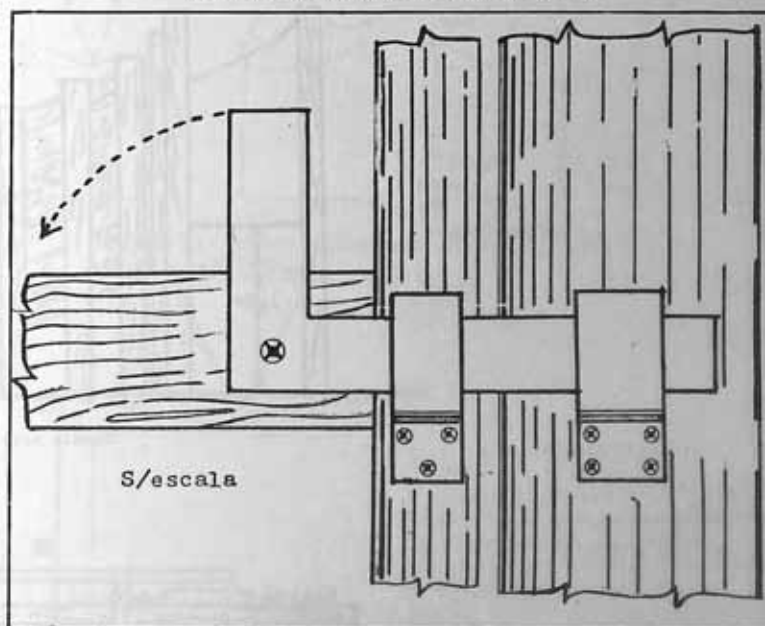


Figura 3 - Detalhe do fecho da porteira.

madeira, FIGURAS 4 e 5. Necessitamos de mais ou menos 5 kg de pregos nº 20 x 30. Nas FIGURAS 4 e 5, vemos dois detalhes do embarcadouro ou sejam, a entrada e a saída.

APARTADOR E SERINGA

O apartador e a seringa são delimitados por uma cerca semelhante à já descrita para o curral. O espaçamento dos mourões varia de 0,90 a 1,10 metros.

Necessitamos para o apartador:

25 mourões de mais ou menos 20 cm de diâmetro e 2,80 metros de comprimento total;

109 metros lineares de tábuas de 15 x 3,0 cm de bitola e 3,5 kg de pregos nº 20 x 30.

Para a seringa:

12 mourões de mais ou menos 20 cm de diâmetro e 2,80 metros de comprimento total;

62 metros lineares de tábuas de 15 x 3,0 cm de bitola;

2,0 kg de pregos nº 20 x 30.

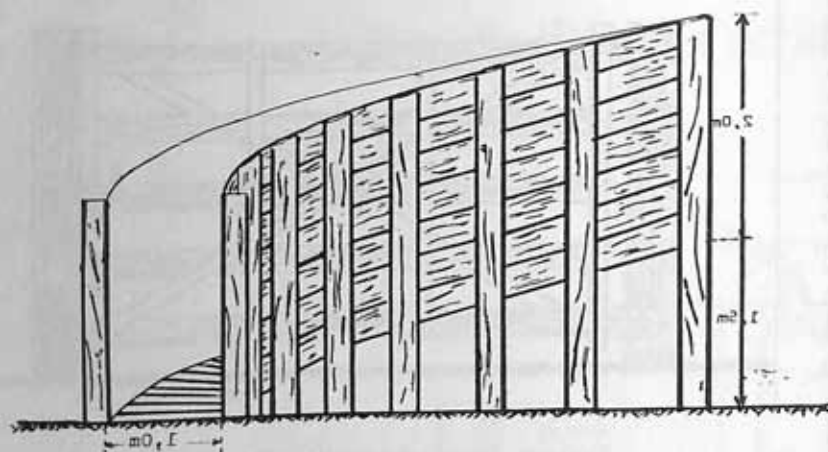
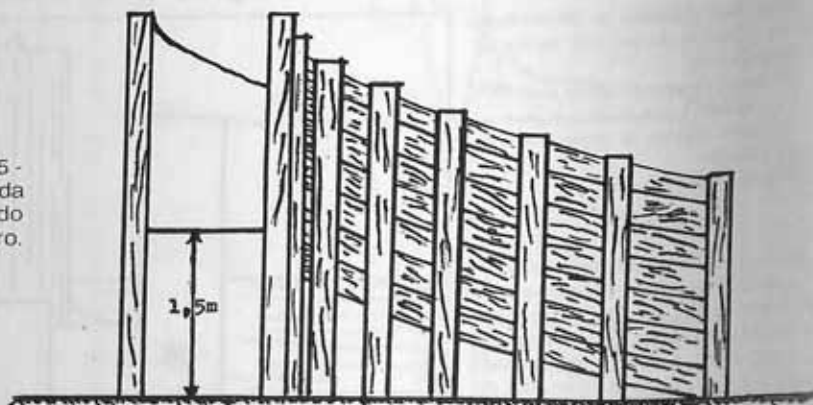


Figura 4 -
Entrada
para o
embarcadouro.

Figura 5 -
Saída
do
embarcadouro.



Escala 1:40

PORTEIRA DE CORRER

Na FIGURA 6 mostramos o suporte e a porteira de correr propriamente dita, com as respectivas dimensões. Na parte superior há um cano de 2" de diâmetro que funciona como "puxador". Dois rolimãs correm sobre uma vigota (guia) promovendo o deslocamento da porteira. Na FIGURA 7 vemos o corte AB com seus detalhes. A FIGURA 8 mostra a posição da porteira de correr em relação à entrada do brete.

BRETE

A área ocupada pelo brete é coberta com telhas de alumínio. Os pilares de sustentação estão espaçados de 2,50 metros e tem 20 cm de diâmetro por 3,05 metros de pé direito.

O brete é de madeira, onde vemos pela FIGURA 9 que, a parte superior tem uma largura de 1,00 metro e a inferior de 40 cm sobre um piso de concreto. Duas plataformas colocadas ao lado, facilitam os desloca-

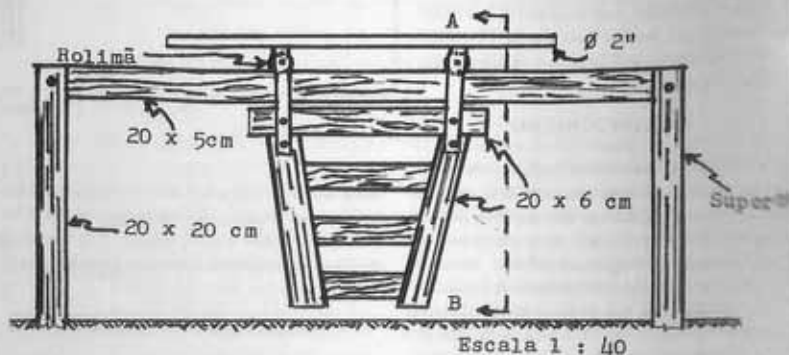


Figura 6 - Sistema da porteira de correr.

mentos dos operadores. As paredes de tubos são apoiadas em mourões espaçados de 1,00 metro entre si. Em três pontos existem degraus de acesso à plataforma, com 45 cm de altura.

Os materiais necessários para o brete são:
30 mourões de 24 cm de lado por 2,40 metros de comprimento total;

560 metros lineares de tubos de 15 x 2,5 cm de bitola;

6 kg de pregos nº 20 x 30;

113 metros de vigotas de 16 x 6 cm;

100 metros de vigotas de 12 x 6 cm; e

40 telhas de alumínio de 2,80 metros de comprimento.

Para a plataforma necessitam-se de:

84 metros lineares de tubos de 15 x 2,5 cm;

30 mourões de 15 cm de diâmetro por 1,10 metros de comprimento total;

30 caibros de 7 x 6 cm por 70 cm de comprimento;

2 kg de pregos nº 20 x 30 e

2 kg de pregos nº 22 x 42.

PORTEIRA DISTRIBUIDORA

A porteira distribuidora tem a finalidade de orientar os animais, para os currais, conforme o fim a que se destinam.

É uma estrutura reforçada, conforme detalhes da FIGURA 10.

Os materiais necessários são:

1 (um) mourão de 18 x 18 cm e 2,80 metros de comprimento total;

1 (um) mourão de 18 x 8 cm e 1,75 metros de comprimento;

2 mourões de 12 x 8 cm e 1,75 metros de comprimento;

3 tubos de 14 x 2,5 cm e 1,32 metros de comprimento cada;

6 tubos de 14 x 2,5 cm e 1,28 metros de comprimento cada;

4 serralhos de 9 x 2,5 cm e 1,40 metros de comprimento e

2 dobradiças reforçadas.

O acesso à balança é mostrado na FIGURA 11d, onde mediante o deslocamento preciso da porteira distribuidora, uma porta de 1,25 metros de largura dá passagem aos animais.

Na FIGURA 11 mostramos as opções para a porteira distribuidora nos currais. O detalhe que cerca a balança é mostrado com detalhes na FIGURA 12.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAPMAN, R. C. F. KELLY & J. L. BELL. 1967. Beef Handling and Feeding Equipment, University of California, Circular 414, 51 p.

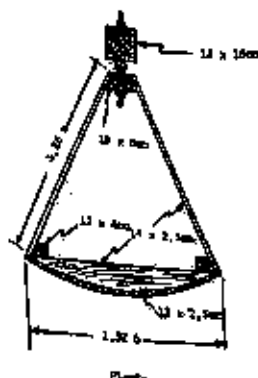
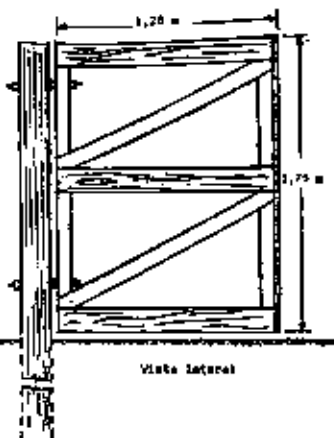


Figura 10 - Planta baixa e vista lateral da porteira distribuidora.

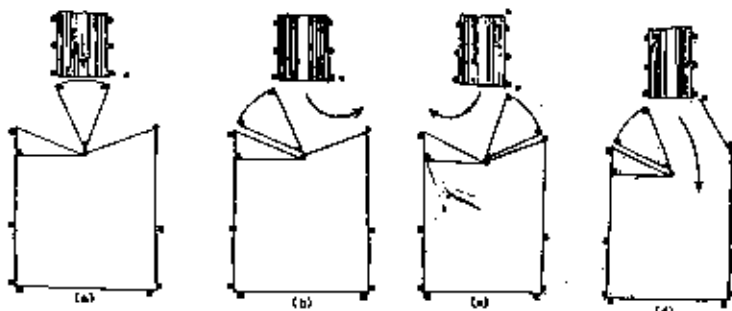


Figura 11 - Quatro opções para uso da porteira distribuidora

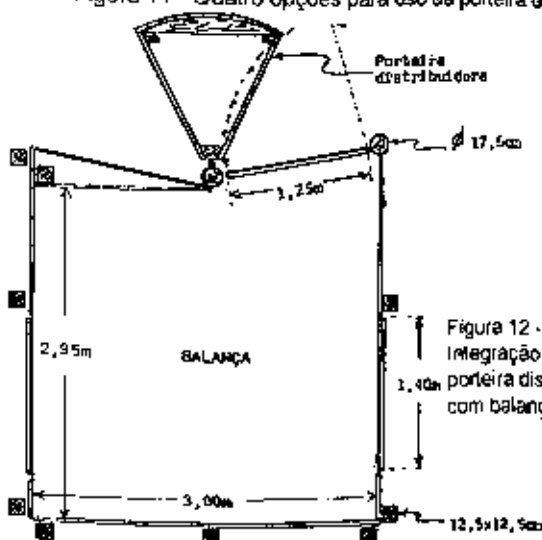


Figura 12 - Integração da porteira distribuidora com balança.

Escala 1:40

CARNEIRO, O. 1961. Construções Rurais. 6ª Edição, São Paulo, 703 p.

CHIEFFI FILHO, H. 1975. Estudos para a instalação de um curral para gado de corte. O solo, Piracicaba, 67: 5-9.

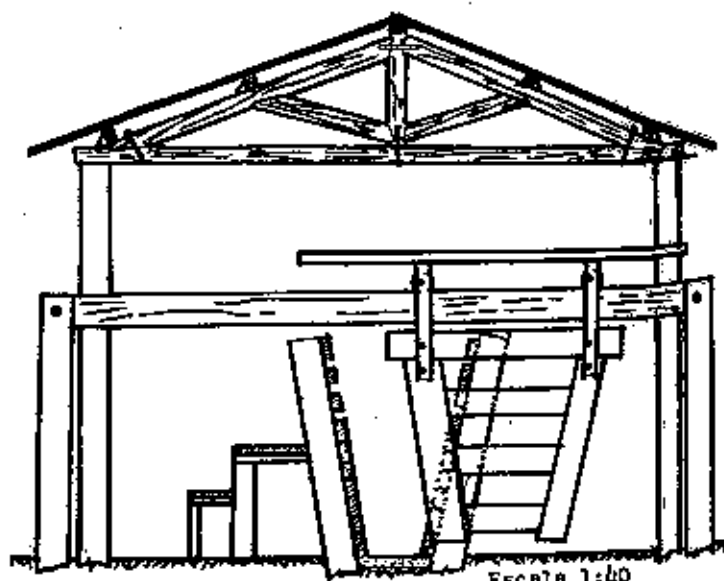
PLINCO, A. M. 1975. Apontamentos de aula do curso Bovinocultura de Corte. Departamento de Zootecnia, FSAV, UFPA, 72 p. 1. janeiro-junho 1980 - pags. 30 a 44.

CORTE AB



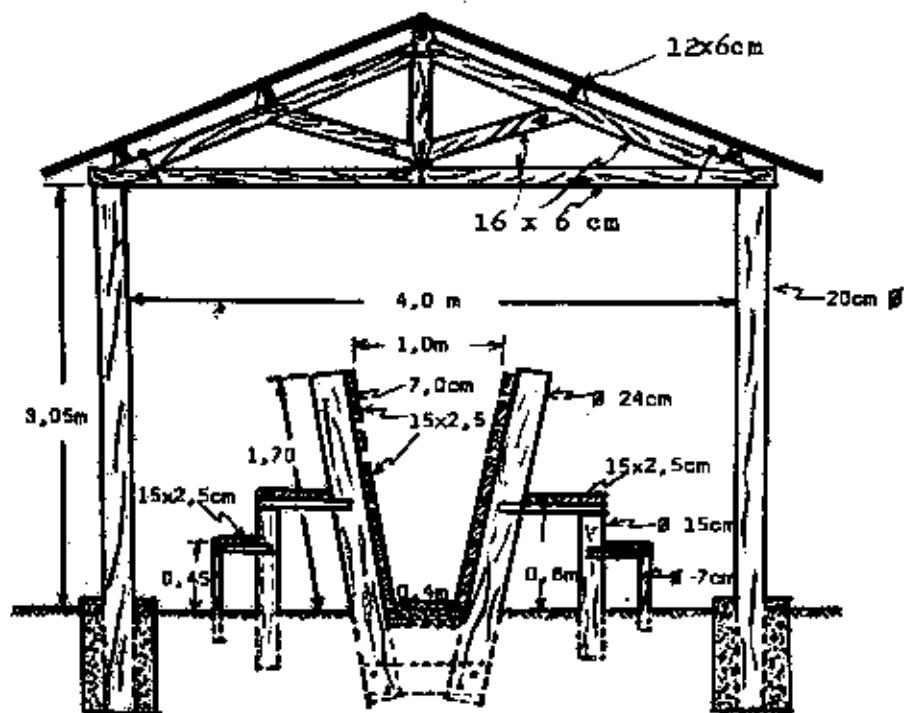
S/ escala

Figura 7 - Detalhe do corte AB da porteira de correr



Escala 1:40

Figura 8 - Montagem da porteira de correr em relação ao brete.



Escala 1:40

Figura 9 - Seção do brete com todos os seus detalhes.

HIDROVIAS E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SÉRGIO RESENDE DE BARROS (*)

A ferrovia, a rodovia e a aerovia, passam por onde planejamos e executamos. A hidrovia, a natureza nos dá onde ela está. Assim, primariamente, a hidrovia é para o técnico em transportes um dado com que ele tem que se conformar e não apenas um resultado a que ele objetiva chegar. Esse dado natural faz com que a integração da hidrovia com os demais modos de transporte seja motivada não só por exigência racional, mas pela força da própria natureza. Como se busca aquilo de que se precisa, essa dupla motivação dobra o esforço do técnico hidroviário em busca da integração intermodal. Em síntese: a hidrovia é um fator atuante da integração.

Contudo, integrar-se é necessário e bom não só para hidrovia. Integração é via de mão dupla. Mais ainda: a verdadeira integração tem mais de duas mãos. Constrói-se com muitas mãos: todos os técnicos e os modos de transporte devem trabalhar e operar juntos, constituindo um sistema técnico e operacional integrado.

Na verdade, integração não é detrimen-

to de outro. Ao contrário, a promoção de um implica e acarreta necessariamente a promoção do outro. Integrados no sistema, todos se promovem reciprocamente: **um se torna fator de desenvolvimento do outro**. E todos, de todos. A verdadeira integração, portanto, gera condições para que todos os modos de transporte progridam com máxima eficiência, pois cada um progredirá na sua função, maximizando o seu funcionamento. Gerando o desenvolvimento. Caso contrário, não há integração.

A diminuição ou substituição de um modo de transporte por outro: **disfunção gerando ineficiência**. Gerando o subdesenvolvimento.

Mas, como desenvolver os transportes sem desenvolver a sociedade? Como desenvolver a sociedade sem usar os recursos naturais sem preservar a natureza sempre, para usá-la sempre?

A resposta: **precisa-se de uma sistematização não só integrada, mas integral**. Sem envolver todos os empreendimentos sociais, públicos e privados, não haverá o verdadeiro desenvol-

vimento que, mesmo sendo regional, não pode deixar de ser integral: **desenvolvimento social**. Para tanto, a integração dos modos de transporte entre si é condição necessária, mas não suficiente. Também é necessária a integração dos transportes - integrada neles, a hidrovia - com a sociedade e com o ambiente natural que a envolve.

É fundamental que se compreenda bem o papel integrador da Hidrovia em relação às demais modalidades de transporte e de promotora do desenvolvimento, no concernente à sua área de influência, direta e indireta.

A redução do custo de transporte deverá estimular a produção agroindustrial, seja para atender o mercado interno, seja para a exportação. O calcário, por exemplo, terá condições de chegar às regiões próximas da Hidrovia a preços reduzidos, permitindo que se difunda o seu uso na agricultura. O aumento da produtividade, daí decorrente, propiciará custos e preços menores para os produtos agrícolas, beneficiando os consumidores brasileiros e assegurando mais competitividade desses produtos no mercado externo.

As demais modalidades de transporte se beneficiarão com o aumento da produção gerada pela Hidrovia, pois haverá mais cargas para serem transportadas da Hidrovia para os mercados consumidores e para os portos de exportação, e das zonas produtoras para a Hidrovia. Em suma, a Hidrovia TIETÊ - PARANÁ será o agente promotor do desenvolvimento da região da sua influência e do próprio sistema de transportes rodovio-ferroviário, que nela se integrará.

1 COMBOIO COM CAP. DE 2.200 T. = 70



(*) DIRETOR DE HIDROVIAS E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA CESP - COMPANHIA ENERGÉTICA DE SÃO PAULO.

REVISTA DAS REVISTAS

RUY A. BASTOS FREIRE FILHO
Zootecnista - Correspondentes em
FUKUOKA - SHI - Japão

O Brasil em busca de novas rotas para a seda

A primeira tentativa para o desenvolvimento da sericultura no Brasil foi ainda no tempo do império. D. Pedro I tentou implantar a atividade na baixada fluminense, mas a iniciativa não foi para frente. Após a Segunda Grande Guerra Mundial, a semente da sericultura caiu em terreno fértil. No estado de São Paulo e Paraná, agricultores de descendência japonesa, que tinham uma tradição cultural nesta atividade, começaram a criar o bicho. Mas foi a partir da década de 70, com o espaço deixado pela crise generalizada da cafeicultura, que os pequenos agricultores, na maioria nikkeis, começaram em larga escala, a substituir o café pela amore, principal prato na dieta do *Bombix mori* - o bicho da seda. As multinacionais de origem japonesa garantiam a compra do produto. A seda brasileira parecia ter descoberto o seu caminho.

A partir da década de 80 no entanto, o caminho da sericultura brasileira começou a tomar o mesmo rumo da economia do país, isto é, em direção a crise. O sistema de integração, onde as duas principais multinacionais entregavam o bicho já na terceira idade aos agricultores, e compravam o casulo verde, começou a mostrar o seus pontos de fraqueza. Aliada à crise interna da economia, o mercado internacional da seda começou a ficar instável, primeiro pela concorrência com fibras sintéticas, e depois pela excessiva participação da China, um gigantesco produtor, que interfere diretamente no preço.

A relação entre os produtores e as empresas compradoras, ficou delicada, as empresas rebaixando os preços do produto na hora da classificação, alguns produtores chegando a fazer greve. Já no fim da década de 80, alguns amoraes da região noroeste do Paraná, a principal produtora nacional, começaram a virar capim, e o bicho da seda a ser substituído pelo boi.

Natural de Alto Paraná um dos núcleos da sericultura brasileira, no noroeste do Paraná, formado em agronomia pela Universidade Federal de Curitiba, Nilton Koichi Takahashi, conduziu junto com sericultores de sua região, experimentos com o uso de hormônios para aumentar a produtividade do bicho. Há um ano veio ao Japão, aonde a sericultura brasileira tem suas raízes, buscar novas tecnologias para a área.

Busca de qualidade

O Japão foi ultrapassado pela Índia em produção total de seda, mas o país vem tomando um caminho diferente com relação ao produto: a busca de um fio de alta qualidade aliada a um bicho mais rústico e mais fácil de ser criado. A seda esta no âmago da cultura japonesa, principalmente na confecção dos quimonos

femininos, que chegam a alcançar várias vezes preços superiores a US\$ 10.000,00 dólares. Para a obtenção deste tecido a fibra deve ter qualidade impecável.

Enquanto os chineses produzem quase metade da produção mundial da seda, e tem sua filosofia de produção baseada em cima de manejo e sistemas de produção poupadores de capital, os japoneses investem na tecnologia de ponta, na qual o carro chefe é o melhoramento genético do bicho da seda. Para isto montaram na Universidade Imperial de Kyushu, baseada na cidade de Fukuoka, o maior banco de germoplasma da Ásia, e provavelmente do mundo. São mais de 450 raças puras da família *Bombix mori* e *Bombix mandarina*.

O esquema de melhoramento do bicho da seda é bastante semelhante ao adotado na avicultura isto é, as labora-



Nilton tendo ao fundo camas de criação, na Chocadeira da Universidade de Fukuoka, Japão.
(Foto especial para RCV)

são cruzadas entre si, e os melhores cruzamentos se transformam nos híbridos a serem empregados em escala comercial.

Nilton entrou como pesquisador na Universidade de Kyushu, visando trazer para o Brasil, a tecnologia de cruzamentos no melhoramento do bicho. Para melhoramento, o bicho é trabalhado na fase de mariposa aonde, os machos são abatidos logo após o acasalamento. As fêmeas, após a postura dos ovos (entre 300-500) são levadas ao laboratório para o teste de pebrina, uma doença hereditária; somente após este exame os ovos são liberados para chocadeira. O técnico acredita ser muito difícil a liberação das raças puras para a formação dos híbridos, fora da universidade, que vende esta tecnologia as empresas e cooperativas. Alguns estudantes chineses tentaram levar raças para a China, em uma operação digna de filme de espionagem, mas foram detidos a tempo por empregados do departamento. A partir daí o acesso as chocadeiras ficou difícil, mesmo à estudantes japoneses.

Uma das principais características perseguidas pelos geneticistas japoneses é aumentar a fibroína (a seda própria dita) e diminuir a sericina (uma capa oleosa semelhante a suarda da lã dos ovinos) no fio produzido pelo inseto. Nilton acredita que mesmo que ainda tenham mais raças puras do que os japoneses, os chineses estão longe de ter um esquema de cruzamentos e de melhoramento intra-racial competitivo como o que os japoneses montaram em Fukuoka. A alta qualidade é fundamental para dar uma maior competitividade frente a fibra sintética, que a despeito dos esforços tecnológicos, ainda fica muito longe das propriedades que distinguem o tecido natural pela beleza, tato agradável e que dificilmente fica amarratado.

Transformando amora em seda

Apesar de viver só 40 dias, o *Bombix mori* ou o seu parente *Bombix mandarina*, são capazes de algumas proezas. Uma das mais impressionantes, é o de aumentar o peso de seu corpo em 10 mil vezes, antes do encasulamento consumindo 20g de folha de amora e transformando em 1,7a 2,0g de casulo verde que compreende a seda mais a pupa. Um casulo mede em média 800 a 1.500 metros de fio contínuo de seda, sendo que o maior fio já obtido até hoje chegou a 2250 metros. A espessura deste fio é de 0,002mm de diâmetro. Para obtenção de seda é preciso evitar que a pupa fure o casulo ao se transformar em mariposa. Se isto ocorrer há uma quebra

de fio, e uma queda significativa de qualidade. Portanto a colheita deve ser feita antes que acabe o ciclo de crisálida do bicho (a fábrica da seda é que vai abater as pupas, não o produtor).

No Brasil o produtor vai receber o bicho, da chocadeira (geralmente uma companhia ou cooperativa) quando este estiver despertando para sua chamada de terceira idade (ciclo total do *Bombix mori* compreende 5 idades, entre ovo a mariposa): A chocadeira (no Brasil pertence a mesma empresa que vai comprar o casulo-verde e fiar a seda-uma integração) acomoda os bichos nos chamados telainhos, cada qual com 20 a 23 mil lagartas. No Japão para facilitar ao produtor a chocadeira trata do bicho inclusive por toda a terceira idade, chegando algumas vezes a 4ª idade. Entre cada uma das idades, o bicho passa por uma fase de dormência (que os produtores chamam de dormida), aonde o bicho literalmente dorme. Cada uma destas "dormidas" dura em média 24hs (com exceção da primeira que demora 20hs e a última que demora 36hs em média). Nestes períodos o bicho faz uma troca de pele.

Se até a terceira idade, os bichos comem só a parte dorsal da folha de amora, a partir daí, eles passam a consumir a folha pelas bordas, já que o aparelho digestivo está mais resistente. Mas é na 5ª idade que o bicho começa a comer de verdade, e come a folha de amora sem selecionar as partes, a chamada fase de engorda que, ocorre no 2 à 3 dia da 5ª idade. No 7 ao 9 dia da 5ª idade (na realidade a duração dos ciclos está diretamente relacionada a temperatura ambiente - quanto maior a temperatura menor o ciclo, porque o metabolismo do bicho é maior), o bicho para de comer e entra na fase de "emboscamento" aonde começa a soltar os primeiros fios de seda do encasulamento (anataia) e forçar as suas duas glândulas sericígenas. O período de emboscamento e encasulamento, sempre dependendo da temperatura ocorre em média num espaço de 7 dias.

Nilton alerta que a base da boa sericicultura começa na amoreira. Mesmo que seja possível alimentar o bicho com ração artificial, que muitas vezes é factível em condições japonesas, no Brasil o agrônomo não vê como fugir do uso correto das folhas de amora. O amoral deve ser dividido em três talhões, cada um se destinando a uma "criada" (uma criada compreende desde a recepção do telainho até a entrega do casulo verde). A escolha da parte da planta à ser fornecida ao animal (que deve ser mais tenra nas primeiras fase da vida) é outro fator importante. O técnico

não vê diferença entre os cultivadores de amora do Brasil e do Japão (os cultivadores brasileiros vieram em sua maioria do Japão), a diferença é que no Japão o amoral recebe os tratamentos culturais adequados, o que permite a sericicultura japonesa um rendimento médio de 700 kg de casulo verde por ha. contra 330 kg de casulo verde obtidos no Brasil.

Esta diferença Nilton acredita que está mais na insegurança econômica do produtor brasileiro do que na sua desinformação. O agrônomo acredita que, por outro lado se forem estabilizados os fatores de incerteza para o sericultor nacional, este pode vir até a suplantir o produtor japonês por ter um elemento favorável no clima. No Japão devido ao frio do inverno, a produção fica interrompida, o que permite ao produtor levar ao máximo cinco "criadas ao ano", no Brasil é possível alcançar dez, sendo que oito "criadas" ao ano é uma média razoável para o Brasil.

Os caminhos da seda brasileira

A seda é uma atividade que o homem, segundo referências chinesas, vem exercendo desde de 2000 anos antes da era cristã. Não só a seda, mas importantes subprodutos da sericicultura, tem função econômica. A crisálida, além de ser um tradicional prato na cozinha de alguns países asiáticos, é amplamente utilizada na indústria de cosméticos em todo o mundo. A indústria farmacêutica japonesa está pesquisando o uso do casulo macerado como medicamento.

"No Japão fica claro que o que distingue um produtor do outro, é que o bom produtor sabe parar a alimentação e recomençar na hora certa. A sensibilidade do bicho a doenças é extremamente grande, e exige uma grande limpeza do barracão," destaca Nilton "Se a alimentação for excessiva, as sobras geram um excesso de umidade que leva a doenças. Por outro lado na fase de crescimento, o bicho tem que ser alimentado enquanto não estiver maduro, senão acaba entrando em "stress" prejudicando a produção e a qualidade do fio. Portanto a qualidade e a quantidade da seda dependem diretamente da habilidade do sericultor."

Para manter a sericicultura nacional é preciso evitar que uma grande massa de sericultores, uma mão de obra qualificada que o país vem formando a décadas desapareça com a crise. Mais importante do que encontrar políticas governamentais para o setor, é encontrar saídas também dentro do mercado nacional. Afinal se um produtor japonês

recebe bem mais do que o produtor brasileiro, por um casulo verde com a mesma qualidade, há uma ampla margem de manobra para que a indústria de confecção brasileira possa lançar seus produtos a um preço mais competitivo no mercado mundial, sem sufocar o sericultor.

É importante abrir as portas para que mais companhias de fiação e tecelagem de seda se instalem no país, e que mais chocadeiras e novas linhagens de híbridos estejam ao alcance do produtor. Tendo mais tecnologia de ponta, e mais compradores para sua mercadoria, o sericultor brasileiro sobrevive. O Brasil

esperou do tempo do império até o final da II Guerra Mundial para recomendar a sericultura. Não deve deixar escapar esta oportunidade para implantar de vez, esta importante diversificação da atividade agrícola.

Vacas sagradas não profanam a atmosfera

Quando se trata de defender o "status" sagrado de suas vacas, os cientistas indianos não titubeiam. Os pesquisadores do Conselho de Pesquisa Científica e Industrial indiano, o CSIR, vão ao campo para averiguar as estimativas de produção de metano na agricultura de seu país, feitas por cientistas americanos. O metano, um potente contribuinte do efeito estufa, seria originado por dois elementos extremamente caros à sociedade indiana: os campos de arroz e o enorme contingente bovino do subcontinente.

Os estudos indianos demonstraram que as estimativas feitas pela US Environmental Protection Agency e o Oak Ridge National Laboratory,

puseram muito peso tanto no arroz, como na vaca. As emissões de metano por parte dos arrozais indianos é bem menor do que a de arrozais americanos (do mesmo tamanho em área), em virtude de uma menor biomassa do arroz indiano. Os estudos a campo avaliaram uma produção de 10 milhões de toneladas de metano/ano-menos de um quarto das 48 milhões de toneladas previstas pelos americanos.

Os bovinos indianos são bem mais leves que seus correspondentes americanos, comem menos, e tem um metabolismo diferente (o mesmo ocorre com búfalos, que apesar de grandes, consomem em média 14% a menos em matéria seca do que bovinos europeus, e

tem outro metabolismo de energia). Nos bovídeos, o chute dos cientistas americanos pelo menos ficou dentro do gramado: eles extrapolaram em 30% a mais a capacidade de emissão de gases dos ruminantes indianos.

Um único cidadão americano, é mais poluente do que toda uma aldeia africana. As emissões de gases industriais e de veículos, dão uma contribuição muito maior ao efeito estufa do que a vaca e o arrozal de um fazendeiro no terceiro mundo. A Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos, após a publicação dos resultados das pesquisas do Conselho Indiano provavelmente, vai tentar achar outro bode, ou melhor outro boi expiatório.

AVEIA PRETA

* Aveia Strigosa *

A aveia preta, apresenta excepcional resistência a ferrugem da folha sendo a maior produtora de massa verde entre todas as variedades de aveias, embora a produção de grãos seja menor, possui alta capacidade de perfilhamento, e crescimento muito rápido, o que permite sua utilização em tempo menor, cerca de 45 a 60 dias após o plantio. Como forrageira de inverno, está aprovado ser a aveia preta, a que melhor atende às necessidades da pecuária dos Estados do Sul, São Paulo e Minas Gerais.

CARACTERÍSTICAS

TIPO	Cultura para produção de forrageira ou grãos
CICLO VEGETATIVO	140 a 180 dias
FLORESCIMENTO	70 a 80 dias após plantio
UTILIZAÇÃO	Corte, pastoreio, feno ou produção de grãos
ALTURA DAS PLANTAS	100 a 110 cm média
COR DAS PLANTAS	Verde intenso
COR DOS GRÃOS	Cinza escuro para preto
ACAMAMENTO	Resistente
SECA	Resistente
FRIO	Resistente
PERFILHAMENTO	Excelente
NÚMERO DE CORTES	2 a 3 cortes
TEOR DE PROTEÍNAS NA MATÉRIA SECA	13,5%
PALATABILIDADE	Ótima
PRODUÇÃO	Forrageira 35 a 40 toneladas por hect.

RECOMENDAÇÕES

TIPO DE SOLO PARA PLANTIO	Médio a alta fertilidade ou recuperados
ÉPOCA DE PLANTIO	Fevereiro a julho
ESPACAMENTO	20 a 30 cm entre linhas. Plantio mecanizado, podendo ser também plantado a lanço.
QUANTIDADE DE SEMENTES POR HECTARE	80 a 100 kg/ha por hectare
ADUBAÇÃO	De acordo com recomendações técnicas determinadas após análise do solo
COLHEITA	Mecanizada ou manual
TRATAMENTO	Sementes tratadas contra fungos
GERMINAÇÃO	Mínimo de 80%
PUREZA	Mínimo de 98%
EMBALAGEM	40 kg

2º LEILÃO ELITE DE PASTO
30 de Maio - 10h

70 reprodutores registrados/controlados
28/32 meses

NELORE LB

FAZENDA MUNDO NOVO
Grupo Manah
Rod. SP 225, Km 110 - Brotas/SP
tel: (0146) 53 1519
ou (011) 831 8122
Ramal 148



PARDO SUÍÇO

Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo-Suiço
Av. Francisco Matarazzo, 455 - Água Branca - S. Paulo
CEP 05031 - Tel.: (011) 864(0)691 - Fax: (011) 62-5308

INFORMATIVO Nº 14

Sylvio Iasi Junior
Colaborador

PREZADO COMPANHEIRO:

Tenho o prazer de voltar a um assunto que tratamos a três anos atrás, quando iniciava o trabalho como candidato a Presidência da Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo-Suiço.

Espero neste período em que fiquei com a responsabilidade de presidir os destinos desta raça, eu tenha conseguido somar alguns fatores para o crescimento da mesma a nível nacional.

Neste momento venho novamente comunicar-me com você para informar-lhe que aceitei presidir a Associação por mais um mandato, após receber de meus companheiros muitos pedidos para que desse continuidade ao programa que vem sendo executado desde o início do meu mandato.

Quero afirmar que assumo junto com meus companheiros de chapa e com você a responsabilidade de trabalhar da mesma forma que norteou o nosso primeiro mandato.

Dentre os objetivos principais para o Triênio 92/95, temos:

- 1) Iniciar o trabalho de Provas Zootécnicas para que possamos comprovar cientificamente aqui no Brasil as qualidades que a raça possui.

- 2) Profissionalização do quadro de funcionários da Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo-Suiço para que possam desempenhar suas funções a partir de diretrizes da Diretoria e regulamentos técnicos próprios.

- 3) Formação de Corpo técnico com capacidade para Classificação Linear e Orientação para Acasalamentos, visando a melhoria do nosso rebanho.

- 4) Fortalecimento do Colégio de Arbitros para unificação dos julgamentos das Exposições oficializadas.

- 5) Trabalhar para conseguir verbas para campanhas publicitárias, visando aumentar o número de criadores e a venda do macho para o cruzamento industrial.

- 6) Formação de Núcleos de Criadores com o objetivo de promover a raça através de Exposições, Feiras e Leilões.

- 7) Promover palestras sobre a raça mostrando suas qualidades.

- 8) Estreitar o relacionamento entre a Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo-Suiço, Associações Estaduais Núcleos Regionais.

A chapa vencedora foi a seguinte:

CHAPA RENOVACÃO

Presidente: Virgílio Eustáquio da Silva,
Vice-presidentes: Nelson Mancini Nicolau
Oswaldo de Oliveira Melo Franco, 1º
Secretário: Irineu Pamplona, 2º **Secretário:**
Ruy Vicente, 1º **Tesoureiro:** Oswaldo Costa
Gomes, 2º **Tesoureiro:** José Aparecido
Costa Claro, **Diretor de Exposições:** Haroldo
de Figueiredo Mandia Grossi, **Diretor Social:**
Gilberto Batista Diniz, **Diretor Marketing:**
Evandro José Neiva, **Diretor Fomento:**
David Carlos Junqueira A. Carvalho,
Diretores Regionais: José Magno Pato,
Wellington Oliveira Canabrava, Herbert Wickbold
Filho, Sylvio Iasi Junior, Giorley de Souza
Teixeira, **Conselho Fiscal:** Vitor Hugo Dell'Asta,
Vilceu Castilhos da Silva, An-

tonio Roque Galles, Eurípedes Pereira de Rezende, Alfredo da Silva,
Suplentes do Conselho Fiscal: Severino Silveiro Tozzo, Sebastião Marinho
Silva e Bráulio Magalhães de Castro

Aproveito a oportunidade para fazer em nome da Diretoria atual um grande agradecimento aos criadores de gado Pardo-Suiço, técnicos e demais pessoas que nos ajudaram a conduzir os trabalhos da raça.

Quero confessar a todos que não foi possível transpor todos os obstáculos, mas fizemos o máximo que podíamos e continuaremos a lutar para que os objetivos sejam alcançados.

Dirigir a A.B.C.G.P.S., foi muito gratificante, conheci muitas pessoas e consegui fazer muitos amigos, fato que muito me engrandece.

Muito obrigado por tudo.

VIRGÍLIO EUSTÁQUIO DA SILVA

EVENTOS 1992 - 1º SEMESTRE

ITAPETINGA - SP - 23ª Exposição Agropecuária Industrial e Comercial de Itapetininga e 3ª Exposição Oficial do Núcleo Sul Paulista de Criadores de Gado Pardo-Suiço em Itapetininga. Período: 18 a 26/04/92. Leilão Of. do Núcleo: 18/04 às 15h. Contatos: José M. Vasconcelos Fone: (0152) 71 0660/0604

BRASILIA - DF - Exposição Agropecuária da Região Geo-Econômica do Distrito Federal. Período: 19 a 26/04/92. Contatos: Dr. Bráulio Magalhães Castro, Fone: (011) 67.6613. **PARÁ DE MINAS - MG** - 5ª Interminas - Exposição Oficial de Gado Pardo-Suiço. Período: 06 a 10/05/92. Contatos: Sindicato Rural do Pará de Minas. Fone: (0137) 231.5100

GOIANIA - GO - 47ª Exposição Estadual de Goiás. Período: 10 a 23/05/92. Leilão: 1º de maio. Contatos: Fernando Luiz de Lima Fone: (062) 225.4955. Eurípedes Pereira Resende Fone: (062) 285.2525

PATOS DE MINAS - MG - 25ª Exposição Regional. Período: 15 a 24/05/92. Contatos: Sindicato Rural de Patos de Minas. Fone: (034) 821.4282/822.1000

ITAPETINGA - BA - Exposição Regional de Itapetininga. Período: 24 a 31/05/92. Contatos: Associação dos Criadores de Gado Pardo-Suiço do Estado da Bahia. Fone: (071) 371.4307

OURINHOS - SP - Feira Agrop. Ind. de Ourinhos. Período: 23 a 31/05/92. Contatos: Sindicato Rural de Ourinhos. Fone: (0143) 22.6411

CURVELO - MG - 49ª Exposição Agropecuária Industrial de Curvelo e 26ª Exposição Nacional. Período: 17 a 24/05/92. Contatos: Associação Mineira de Criadores de Gado Pardo-Suiço. Fone: (031) 334.2300

ESTEIO - RS - 15ª Expolite 92. Período: 18 a 24/05/92. Contatos: Associação de Criadores de Gado Pardo-Suiço do Rio Grande do Sul. Fone: (051) 844.1203/1311

RONDONÓPOLIS - MT - 20ª Exposição. Período: 28/05 a 05/06/92. Contatos: Sindicato Rural de Rondonópolis. Fone: (065) 421.3307/3351

GUANAMBI - BA - Exposição Regional de Guanambi. Período: 07 a 14/06/92. Contatos: Associação dos Criadores de Gado Pardo-Suiço do Estado da Bahia. Fone: (071) 371.4307

BARREIRAS - BA - Exposição Regional de Barreiras. Período: 21 a 18/06/92. Contatos: Associação dos Criadores de Gado Pardo-Suiço do Estado da Bahia. Fone: (071) 371.4307

PINDAMONHANGABA - SP - Exposição Agropecuária Industrial do Vale do Paraíba. Período: 03 a 12/07/92. Contatos: Sindicato Rural de Pindamonhangaba. Fone: (0122) 42.2144

BATATAIS - SP - 22ª Festa do Leite B. Período: 04 a 12/07/92. Contatos: Sindicato Rural de Batatais. Fone: (016) 781.2715



MANGALARGA MARCHADOR - O CAVALO SEM FRONTEIRAS

ANO I - Nº8

• EDITOR: Renato Pereira Lima Castejón

Abril de 1992

NOTÍCIAS

1) O NÚCLEO DO SUL DE MINAS DO MANGALARGA MARCHADOR TEM NOVA DIRETORIA. Seu novo presidente é o nosso atuante companheiro **JOSÉ JOÃO SALGADO R. DOS REIS**, que juntamente com equipe de alto nível pretende dar grande ênfase às atividades do Núcleo. Entre as medidas pretende criar uma Central de Vendas de Coberturas, promover uma grande exposição em Caxambu e ainda criar representações regionais visando a aproximação dos criadores com a Diretoria. Nossos cumprimentos a todos os novos componentes da Diretoria.

2) XI EXPOSIÇÃO ESTADUAL DO CAVALO MANGALARGA MARCHADOR vai se realizar no município de PIUMHI - MG. nos dias 13 a 17 de maio próximos. Como foi dito pelo presidente do NUCLEOESTE, **PLÍNIO RODRIGUES NUNES**, "O Mangalarga Marchador" introduzido aqui recentemente, em 1981, foi facilmente difundido e tem preenchido o espaço a ele destinado, não existindo no município a criação de outra raça senão o "Sem Fronteiras".

Essa manifestação, singela e objetiva por si só demonstra a firmeza e a dedicação que estão patentes nos companheiros de Piumhi. Contando com o apoio da ABCCMM, do Sindicato Rural e da Prefeitura, certamente o evento será coroado de êxito. E para quem não sabe a turma já tem fama de muito hospitaleira! Em nome do NUCLEOESTE convidamos nossos companheiros a participarem desta festa, trazendo uma amostra de seus plantéis, na certeza de que estarão participando de uma exposição grandiosa, or-

ganizada e engrandecedora da RAÇA.

3) A NOVA CATEGORIA DE SÓCIO-USUÁRIO. Várias decisões importantes foram tomadas na AGE da ABCCMM no dia 27 de janeiro último. Foi criada uma nova modalidade, a do sócio-usuário, que congrega pessoas físicas ou jurídicas proprietárias, mas não criadores do M. Marchador. Seus integrantes pagarão anuidade no valor de 10% da normal, não terão direito a voto, podem inscrever seus animais no S. de Registro Genealógico. Não podem entretanto ter sufixo ou fazerem comunicações de cobrições. Sem dúvida esta modalidade vem beneficiar aqueles que acertadamente elegeram o MARCHADOR para seu cavalo de sela.

Outra decisão interessante foi a

permissão para qualquer criador se inscrever nos cursos de árbitros. Esta abertura, reivindicação antiga dos associados, tem o condão de democratizar as arbitragens, levando cada criador a fazer uma análise mais profunda de que é ser juiz.

4) O LADO DESCONTRAÍDO DO CRIADOR. Me dizia um amigo de Monte Santo de Minas que pretendia se tornar criador do MARCHADOR só para entrar nas rodinhas! Realmente nossa raça tem disso. O encontro descontraído, o momento da descontração, a piadinha do momento e a cervejinha amiga...

Aproveitando a faixa da foto esses são os amigos sempre Bem Vindos, que a gente encontra em todas as exposições, sem os quais criar cavalos nada seria.



Nilo, José Eduardo, Raul e Luiz Palma



ADMINISTRAÇÃO

... que mostra cui-
como recém-nasci-
... cação de ferro,
... vacinas, ver-
... Como evitar as
... Como fazer o
... 36 min.
... 170.00

Controle da produção:
maternidade, gestação,
creches (desmame) e
terminação (engorda).
Acompanha uma carde-
neta de administração,
adaptável para pequenas,
médias e grandes empre-
sas. Cr\$ 183.170,00

DO CRIAR SUINOS AO AR LIVRE

Planejamento e Instalação
R\$ 183.170,00
Manejo, Alimentação e
Criação R\$ 183.170,00
que vão revolucionar a
criação. Como criar suínos
com pouquíssimo
em instalações e grande
produção.



A cobertura correta, cuidados na gestação, como evitar falhas no cio e na prenhez, alimentação, vacinas, instalações para gestação e maternidade, descarte de matrizes, antecipação da puberdade. 45min. Cr\$183.170.00

O dejetto é ideal para engorda de bovinos e criação de peixes. Veja as técnicas e maquinário para operar com os dejetos aproveitando seus nutrientes e aumente sua renda. 60 min. **Cr\$ 163.170,00**

IITA 1 - Abate, abertura e corte do animal. Chouriço branco, chouriço preto, lingüiça e defumados (bacon, lombo e costela). 40 min.
Fita 2 - Lingüiça toscana, calabresa, blumenau, colonial, salame italiano, queijo de porco. Técnicas de defumação e sugestão de um defumador. 60 min.
Cr\$ 183.170,00



O Melhor sistema de alimentação de novilhas e vacas de alta produção através do Pastoreiro Rotativo. Manejo dos pastos e vacas, ração suplementar e resultados alcançados. 36 min.. Prod.em cores.
Cr\$ 183.170,00



Preparação do Gado Holandês para exposição. Condicionamento para desfile, casqueamento, corte de pelagem. Preparo do puxador e dicas de jurados. 60 min. Cr\$ 183.170,00



Veja como é feito o confinamento das vacas leiteiras da Granja Capão Alto - Grupo Batavo. Procedimentos adotados na fazenda, cardápios, produtividade, silagem pré-secada, benefícios do sistema. 53 min. Produção Colorida. Cr\$ 183.170,00



Do nascimento aos dois anos.
Instalações, sanidade; Alimen-
to e manejo dos animais.
Desmame aos 60 dias. Des-
corna. Fichas de controle com
calendários de vacinas, exa-
mes e crescimento ideal. Tec-
nologia Batavo. 48 min. Prod.
Colorida Cr\$ 183.170,00

Técnica de conversão e armazenamento do milho. Desde o ponto exato da colheita até os percentuais de umidade e sabugo a serem misturados ao milho debulhado. Como encher o silo em pouco espaço, garantido alimento nutritivo por mais de um ano. 40 min.



FACA AQUI SEU PEDIDO

25%
Desconto
especial
aos associados
da ABC até o dia
25/05/92



Máquinas para ordenhar pequenos e grandes rebanhos. Custo benefício de cada sistema para você alcançar uma produção de leite mais lucrativa. 60 min. Cr\$ 183.170,00

Como produzir leite de qualidade e evitar acidez. Como eliminar a mastite do rebanho e aumentar a produção. 40 min.
Cr\$ 183.170,00

Fita 1 - Provolone, mozzarella, caccio cavallo, nozinho, ricota, minas frescal e prensado, requeijão fundido e cremoso. 85 min. **Cr\$ 132.670,00**

Fita 2 - Queijos tipo Quark, quark temperado, boursin de leite de cabra, petit suisse e catupiry. **Cr\$ 132.670,00**

Fita 3 - Coalhada Síria, chanclich, lábem, iogurte de coalhada síria, catupiry picante e queijo prato. 45 min. **Cr\$ 132.670,00**

Como fazer e usar o bio-adubo e biogás. Controle das moscas, economia de combustível, substituição da lenha, gás de cozinha, etc. Acompanha um manual. 45 min. Produção Colorida. Cr\$ 183.170,00



Curitiba - Paraná

XXSIM

QUERO RECEBER AS FITAS ABAIXO ASSINALADAS.

Quant.	Título	Valor Cr\$
DESPESAS DE REMESSAS INCLUI:		5.000,00
TOTAL		

Preenchia este cupom e envie a **EDITORA DOS CRIADORES LTDA.**
 Av. Dr. José Cesar de Oliveira, 175 - CEP 05317 - SAO PAULO - SP
 Tel.: (011) 831-7969 - R. 253

Nome: _____ END: _____

FONE: _____ CX. POSTAL: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

CEP: _____

OPÇÕES PGTO.
☐ CARTÃO DE CRÉDITO ☐ VAL. ☐ M^o
☐ SEDEX A COBRAR (REEMBOLSO POSTAL) ☐ ASS.

Acabe com
os carrapatos
e com a
mosca do chifre
de uma tacada só.



Bayticol®

Pour-on DA

Agora o melhor carrapaticida Pour-on é também o melhor mosquicida.
Bayticol® Pour-on D.A. é eficiente, prático e econômico. Sua exclusiva embalagem dosadora torna fácil a aplicação, reduzindo o custo de mão-de-obra, e sem causar stress aos animais. Bayticol® Pour-on D.A. tem efeito residual prolongado, permitindo o maior espaçamento entre as aplicações. Elimina de uma só vez os carrapatos e as moscas dos animais. Não é sistêmico e por isso não deixa resíduos no leite ou na carne. Use Bayticol® Pour-on D.A. e veja, de uma tacada só, a eficiência e a praticidade do melhor carrapaticida-mosquicida do mercado.

Se é Bayer, é bom.

Bayer

